

Fundação Universidade de Brasília

Of. A.T. nº 38/67

Brasília, 26 de Setembro de 1967

IMPROPRIO
ATÉ 10 ANOS

Ao
Excelentíssimo Senhor
Dr. Romero Lago
DD Diretor da Censura Federal - D.F.S.P.
Nesta

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em 3 de 10 de 1967
H. H. H.

Excelentíssimo Senhor Diretor:

A Assessoria de Teatro da Universidade de Brasília vem desenvolvendo um trabalho de fomento e incrementação do teatro em Brasília, com o objetivo de dotar o Distrito Federal com um movimento da cultura cênica capaz de estimular o teatro entre estudantes e motivar o aparecimento de companhias profissionais estáveis, ampliando assim o público existente e possibilitando o aparecimento de novas platéias.

Com um passo inicial no sentido de prover a manutenção das nossas atividades, nessa primeira etapa, estamos partindo para um esquema de autofinanciamento, embora em termos precários, com o aproveitamento dos melhores exercícios dos cursos de direção da Assessoria de Teatro, para apresentação pública, no Auditório "2 Candangos", da UnB, que está sendo adaptado por nós para funcionamento dos nossos espetáculos teatrais.

Assim sendo, somente com a colaboração de Vossa Excelência ser-nos-á possível dar continuidade às nossas atividades. Solicitamos, portanto, a necessária autorização da Censura Federal, para que possamos apresentar o nosso primeiro espetáculo composto de duas peças em 1 ato, a saber, --- O MESTRE de Yoncosco e O VASO SUSPIRADO de Francisco Pereira da Silva, para o que anexamos ao presente a permissão da SBAT e a tabela de espetáculos discriminando dias e horários dos mesmos.

Certos da vossa colaboração, aproveitamos o ensejo para apresentar a Vossa Excelência nossos protestos de estima e consideração.

Cordialmente
Carlos Roberto Petrovich
Assessor de Teatro da UnB

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 5230
Em 29 / 9 / 1967
Luto
Protocolista

Ao censor Diamantino
para examinar e
emitir parecer.

Em 27/09/67
Maria R. Weitzel
Chefe da TETE

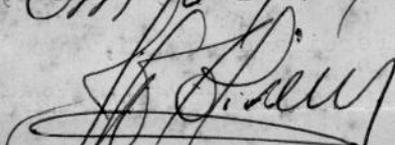
Examinei ambos os
peços de que trata o
prezante expediente, sup-
rindo que os mesmos
podem ser exibidos para
público de idade superior
a dez (10) anos.

Em 29/9/67.

~~Diamantino~~
Censor.

De acordo com o pa-
reer do censor Dia-
mantino, à TTC para
emitir os competentes
certificados.

Em 02/10/67


Chefe da Seção de Censura do SCDP

SERVIÇO DE DEFESA DO DIREITO AUTORAL

— BUREAU DE COBRANÇA —

Rua Visconde de Inhaúma, 107 - 8.º andar - Rio de Janeiro

*de acordo e/ou
panda*

AUTORIZAÇÃO

A

Nº 113179

NÃO VALE COMO RECIBO

Usuário *AT - U.N.B.*

Local *Camp. U.M.U.*

Dia(s) *6.7.8.13.14.15.20.21.22.27.28.29/10/67* das *21* às *22,30* horas.

Tipo da função *prest. de serv. e dom. 16.00 - 17.30*

Corresponde ao recibo n.º *S.BAT.*

B.S.B. 27/9/67a) Claudionor

Autorizamos o uso do nosso repertório musical, nas condições expressas ao lado e referentes a

DIREITOS AUTORAIS

- Const. Fed. - art 141 § 19
- Cód. Civil - art. 649 e §§
- Dec. n.º 4.790 de 2-1-1924
- Dec. n.º 5.492 de 16-7-1928
- Dec. n.º 1.023 de 17-5-1962

ISENTO DE SÉLO pelo art. 203 da Const. Fed.

Assessoria de Teatro

Espetáculo da OFICINA LIVRE DE TEATRO

O MESTRE de Yonnesco - 1724

O VASO SUSPIRADO de Francisco Pereira da Silva - 1725

TABELA DE ESPETÁCULOSMÊS DE OUTUBRO : LOCAL DOIS CANDANGOS - UnB

DIAS			HORÁRIO	
sextas - sábado - Domingo				
6			21	Hs.
	7	8	16 Hs - 21	Hs.
13			21	Hs.
	14	15	16 Hs - 21	Hs.
20			21	Hs.
	21	22	16 Hs. 21	Hs.
27			21	Hs.
	28	29	16 Hs 21	Hs.

IMPROPRIO
ATÉ 10 ANOS



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
CERTIFICADO DE CENSURA



Nº de Registro 1725/67

Título do PROGRAMA : PEÇA TEATRAL ("O VASO SUSPIRADO")

de Francisco Pereira da Silva

RESPONSÁVEL : ASSESSORIA DE TEATRO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Aprovado pelo S. C. D. P.

Validade ATÉ 02 DE OUTUBRO DE 1967

IMPROPRIO
ATÉ 10 ANOS

Brasília, 02 de outubro de 19 67

[Assinatura]
A. ROMERO LAGO

Certificado de Censura

CHEFE DO S. C. D. P.

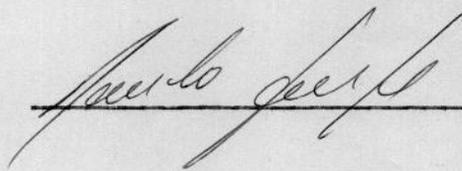
ILMO.SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BRASILIA - D.F.

Saudações.

Pelo presente, o responsável pela companhia,
PRODUÇÕES ARTISTICAS PAULO GEORGE, tem a honra de encaminhar a V.s. para
fins de censura os exemplares das seguintes peças: O DOTE - ORACULO, comédia
original de Arthur Azevedo, - O TRIANGULO ESCALENO, de Silveira Sampaio -
O VASO SUSPIRADO - Original de Francisco Pereira da Silva, próxima apresen-
tação da referida empresa, no dia 10 de Novembro de 1969, no Cine Teatro
Poeira, Rio de Janeiro, Estado da Guanabara.

Rio de Janeiro, 26 de Outubro de 1969.





Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Afilhada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 27 de Outubro de 1969

Ilmo. SR.

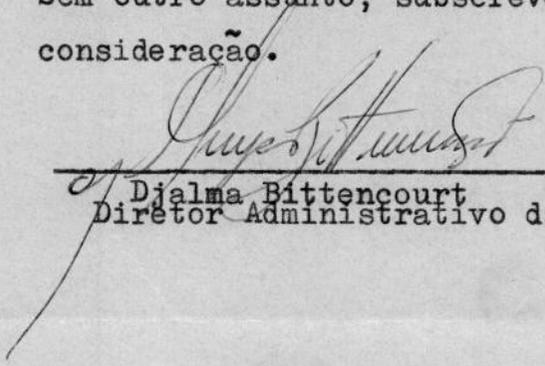
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BRASILIA - D.F.

Saudações.

Pelo presente, temos a honra de encaminhar a V.S. para os devidos fins o requerimento da Companhia Produções Artísticas Paulo George, pedindo censura das peças: O DOTE - O ORACULO, Original de Arthur Azevedo. - O TRIANGULO ESCALENO, original de Silveira Sampaio, O VASO SUSPIRADO, original de Francisco Pereira da Silva, para apresentação no Cine Teatro Poeira, no dia 10 de Novembro de 1969, Estado da Guanabara.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a maior consideração.


Djalma Bittencourt
Diretor Administrativo da SBAT.

9
C

O Vaso Suspirado

O VASO SUSPIRADO - de Francisco Pereira da Silva

PERSONAGENS - Inácia Ranheta - alta, negra, 50 anos
 Jeaninha Mourão - baixa, gorda, 50 anos
 O Bispo - 80 anos e extremamente fragil ✓
 1º Seminarista - 18 anos
 2º - - - - - 18 anos

CENÁRIO : Sala de casa parequial; ao fundo uma cama com dossel e cortinas em volta, vende-se também, debaixo dela, um urinol de louça; uma mesinha servindo de aparader; nas portas laterais, digo, nas paredes um ou dois // quadros de sante; portas laterais. Sentadas em cadeiras belle époque, qua-se no prescênio (o prescênio deve sugerir uma varanda de 2º andar), estão/ Inácia Ranheta e Jeaninha Mourão. Jeaninha embrulha rebuçades em papel-de-sêda frisado; Inácia retoca um ramo de craves de papel crepon. Ao levantar da cortina ouve-se o arremate de um desafio entre dois cantaderes:

1ª Vez - "Já fiz estrêla cerrer
 já fiz o sol esfriar
 já segurei uma onça
 para um moleque mamar".

2ª Vez - "Passarin, se eu te bate
 tenho pena de vecê,
 cai o corpo pruma banda
 e a cabeça - pode crer -
 passa das nuvens pra cima
 só volta quando chever".

INÁCIA -Raça descenfermes as dêstes cantaderes...só se calam mesmo quando a gente manda um positivo dizer, lá em baixo, que êles estão incemandando o sessêgo dos justos. Deus me dê paciência, senhera dona Jeaninha.

JOANINHA -Não vê, dona Inácia Ranheta, que êles estão cantando - assim como se diz lá na linguagem dêles - para levar o Senher Bispo, que vai-se embera. (levantando-se e olhando para baixo) Veja como a rua já está fervilhando de gente que quer ver a saída de nesse sante.

INÁCIA -A maioria, lhe garante, é de fuxiquentes. E depois, a louvação / dêstes cantaderes chega a dar agonia na gente. Um diz que já fêz o sol esfriar, e isso não é coisa que se diga, não senhera dona não senhera dona Jeaninha. Isto é heresia, e das grandes.

JOANINHA- Se es coitades não aprenderam as rezas...Ah, minha boa dona Inácia Ranheta, sorte foi a nessa, que estamos aqui há quinze dias, servindo o senhor Bispo. Quantas quizeram estar, nesta hera, no nesse lugar!-

INÁCIA - Foi uma graça dona Jeaninha Mourão. Mas lhe pergunte - quem o senhor vigário iria encontrar aqui de mais competência de que eu?

JOANINHA- Nós, senhora dona Inácia Ranheta.

INÁCIA - A senhora dona Jeaninha tem sido um braço forte na cozinha, na lavagem dos pratos e da roupa branca do santo visitante, porém, na direção dos serviços da casa, na preparação dos senhos e de outros manjares de fino paladar, quem, senão a cabeça e as mãos de dona Inácia?

JOANINHA- Não se pabule, que a pabulagem leva as almas ao fogo eterno...

INÁCIA - Minha boa Jeaninha, não esteu me pabulando, esteu dizendo uma verdade, e a amiga não deve se sentir diminuída pela humildade de seus préstimos aqui na casa. Não, senhora dona Jeaninha, uma alma verdadeiramente piedosa não deve se envergonhar por lavar os pratos de um leproso, inda mais que não se trata de um leproso, mas de nesse senhor Bispo!

JOANINHA- Uma graça...(suspira) - Dona Inácia Ranheta, me perdoe pela ponta de inveja, de raiva mesmo, que senti quando via a senhora dando o pente no doce, quando eu, que tive o trabalho de mexer o tacho a tarde toda...Me perdoe e desespere quando vi a senhora toda não-me-teques fazendo os senhos de que tanto gosta e nesse de entinho, enquanto a mim, tocava a lavagem das gamelas...(chera)

INÁCIA --Oh, dona Jeaninha Mourão, então a senhora teve raiva de sua amiga? Ainda bem que está arrependida e me relata o caso. Eu nunca/lhe quiz humilhar, mulher...Se a senhora fôsse dar o pente nos senhos, estragaria tudo - perderíamos ovos, manteiga e farinha / de trigo - pois dona Jeaninha mesma me confessou não saber fazer senhos.

JOANINHA- Saber eu sabia, mas...

INÁCIA - Pensei até em dividir a tarefa com a senhora, que eu não desejo/ o céu só para mim, porém, dona Jeaninha, tudo já vem escrito de de que o mundo é mundo: umas para o forno e outras para o fogo e

dêste chôro, criatura? Que desadôro é êsse? Olhe que a senhera/ perturba e sessêgo de nesse paizinho... (levanta-se, vai até a porta da E, volta em pntas de pé) Ele, ainda está deitado na rêde, tomando o seu banhozinho de sel...

JOANINHA- (asseando o nariz) Deus que me perdoe, mas tenho que isso só po de fazer é mal. Um santo fraquinhe daquele tomando nos peitos / êste selão de rachar.

INÁCIA - Mas é sel da manhã, dona Joaninha. E depois a receita não é mi- nha, é de Dr. Batista.

JOANINHA- Ora, o Batistinha...um tôco que eu vi nascer...hum-hum, e o nes se paizinho a seguir e que diz o neneno.

INÁCIA - Se viu o Batistinha nascer, não é vantágem, que eu também vi. E de lá para cá, senhera, cente vinte e cinco anos. Batistinha es tudeu na bahia e já é até pai de familia.

JOANINHA- Mas eu não faço fé em conselhe de gente que eu vi nascer.

INÁCIA - Para lhe ser franca, eu também não vou lá muito com as recomenda ções de nesse deuter. Seu até hoje e que seu perque nunca andei tomando sel e sereno. Não fêsse um reumatismo que me ferrêa // aqui na penta de cotevêle...

JOANINHA- Pois o santo remédio é banha de castavel!

INÁCIA - Ora, dona Joaninha, não me venha a ensinar padre-nosso. E depo- is, não é no meu reumatismo nem na ciência de deuter que devemos pensar, mas na despedida, daqui logo mais, de nesse paizinho. / (Joaninha chora) Chere, criatura, chere e chere muito, alivie o seu peite, que não teremos tão cedo a sorte de tratar de um Bis pe. Ele agora que está bom, vai deixar - e meu coraçã só me // diz que para sempre - esta vila de São Francisco de Icó...(lim- pa uma lágrima)

JOANINHA- Chego até a pensar que foi uma graça de Deus a doença de Don Ne nate. Onde algum dia eu pensei lavar as reupinhas de um santo?

INÁCIA - Mas lembre-se que está aqui por chamado meu. Tive carta branca de vigário para escolher as minhas auxiliares.

JOANINHA- É, mas eu também lembrei até ao Padre José e seu neneno.

INÁCIA - O meu nome? E precisava, dona Joaninha Mourão? e precisava? Quem neste Icó - sem querer me gabar - seria capaz de arcar com bispo? A mulher do coronel Paulino? aquele bando de si rigaitas lá do côro? Precisava lembrar o meu nome? Quem / sabe receber nesta terra? quem entende aqui de pratos delicados?

JOANINHA + Coitadinho do Santo...pegou uma disenteria...

INÁCIA - Porém, culpe não a terra, que é abençoada, mas os importantes desta terra, que são uns acavalados. Atocharam comida / gorda e bruta no velhinho, que foi um horror. O senhor Bispo gosta de carne assada com pirão de leite? Pois haja carne assada e pirão de leite pra cima do pobre. Gosta de panelada, g^osta de sarapatel? e mais coalhada e mais requeijão? Credo, aí / está no que deu. Quase matam o Santo. Justiça se faça ao Dr. / Batista, que me chamou logo para tratar do nosso Pastor. E de ordem dele - com todo o meu apôio - aqui ninguém mais entrou com comidinhas. Inácia Ranheta não gosta de se gabar, não, / mas aí está o Bispo, curado.

JOANINHA - Curado, pode dizer. E agora vai-se embora um Santinho que casou tanta gente que vivia por aí, aos magotes, em mancebia, / que batizou meninão taludo, que crismou homem de barba já cerrada, e que despotismo de milagre andou obrando...

INÁCIA - Não vê a quantidade de pedidos que êle recebe por dia? São / queixumes de todos êstes arredores.

JOANINHA - Eu mesma sou a testemunha de duas curas, senhora dona Inácia RANHETA. Uma, no menino de Josefa Coati, que dava como que / uns ataques e foi só êle lá chegar, foi como água no braseiro, chiou e serenou. Pois ainda ontem, à boquinha da noite, eu não vi o diabo do moleque comendo uma talhada de melancia? São zinha como, Deus quer as almas. A outra foi o caso da mãe de seu Antenor...

INÁCIA - Chiu... (ouvem-se passos) É êle...
(aparece o Bispo. Inácia e Joaninha correm a segurá-lo, eo ajudam a sentar-se numa cadeira de balanço).

BISPO - Obrigado, obrigado... Os seminaristas já chegaram?

INÁCIA - Já estiveram aqui, com o Padre José e o Senhor Vigario de Vila Formosa, mas como o nosso paizinho estava repousando, êles a - aproveitaram para a arrumação das baragens lá embaixo

BISPO - Muito bem, muito bem. Então, dentro de uma hora o seu velho pastor estará dizendo adeus a São Francisco do Icó... Agradecendo de todo coração - e Deus os recompensará - o tratamento carinhoso que me dispensaram. (Inácia e Joanhina choram) Por que choram, minhas ovelhinhas? Nunca me esquecerei do dôsvelo com / que me trataram, das sopinhas que me estimularam o apetite, feitas por dona Inácia Ranheta - tão leves e tão delicadas, e que nenhum mal fariam ao estômago do mais sensível querubim... E/ como esquecer as mãos carinhosas de dona Joanhina Mourão, que / transformaram os meus trapos velhos, encardidos, em linho alvo como o lírio? (Joanhina chora; Inácia vai apanhar a correspondência que está sobre a mesa e a entrega ao Bispo).

BISPO - Não chore, dona Joanhina, antes se alegre e agradeçamos a Deus a minha cura.

JOANINHA - Mas é que o nosso Santinho nunca mais voltará a Icó...

BISPO - Eu, santinho? (sorri). Santinho aqui é São Francisco e este / não abandonará nunca o povo bom desta vila.

JOANINHA - Mas o senhor é também um santinho. Então eu não vi curado o menino de Josefa Coati?

INÁCIA - Dona Joanhina está com a razão. O senhor, nosso paizinho, é um Santo.

BISPO - Oh, minhas boas diocesanas, não digam semelhante coisa. Eu nunca fiz e nem desejo, na vida fazer milagres.

JOANINHA - Ah, não negue, não negue. Diga só para nós, diga...

BISPO - Aspirar à santidade é dever de todo cristão, mas longe estou / de semelhante graça - pobre e imperfeito mortal que sou.

JOANINHA - (tapando os ouvidos) Que horror, meu paizinho! E eu? E nós, do / na Inácia Ranheta? Nós, onde estamos?

INÁCIA - Pois quer ver a fama de sua santidade? (tirando uma carta que / traz à cintura). Esta carta me escreveu uma amiga da Chapadilha. Ela esteve aqui, durante as Missões - é a Celeste Borges, dona Joanhina - pois bem, ela manda me perguntar se eu me lembro onde ela engomou aquele seu vestido branco, se foi na sala ou se foi no quarto, aqui ao lado. Porque, se foi nesta sala, onde agora está dormindo o nosso paizinho, o vestido continuará no báu, branco e engomadinho, até o dia de sua morte, quan-

do lhe servirá de mortalha. Que aquele vestido vá-se tornar pa-
ra ela uma reliquia.

JOANINHA- Pois foi nesta sala, me lembro como se fôsse hoje.

BISPO - Pois não foi nesta sala, não. Mandei dizer a moça que ela deixe/
de ser bôba, que vista o vestido dela nos passeios, que deixe/
de abusão, de doidice. Ora que isso até me dá raiva...

JOANINHA- Virgem, meu senhor Dom Nonato! Deixe de brincadeiras que eu /
sei que meu paizinho não guarda raiva de ninguém.

INÁCIA - Todo mundo daqui destas bandas tem o Senhor Bispo na conta de
santo. E é verdade. Eu e dona Joaninha Mourão somos testemunha
podemos jurar...

BISPO - Jurariam em vão, o que é um pecado. E eu não consentirei que se
diga tamanha tolice. Fiquem vocês sabendo que sou apenas um /
pastor de almas, mais esclarecidos que vocês, mas por isso mes-
mo, mais sujeito às tentações e à perdição. Procuro, como vo-
cês, a santidade, mas longe estou de alcançá-la.

JOANINHA- Virgem Maria, meu paizinho delira!

INÁCIA - (gritando) Dom Nonato! Dom Nonato!

BISPO - Que se afaste de mim mais esta tentação do Maldito. Sou um ho-
mem de carne e osso, imperfeito, mortal imperfeito que procu-
ra separar o Bem do Mal. Estou chegando ao fim e minha luta /
não tem sido fácil. A infecção intestinal, que me ia levando, /
não foi uma prova da minha intemperança. Não resisti aos quei-
jos do sertão e à sua carne sêca de sol...Ah, o úbere de uma /
novilha gorda...(sorri desalentado) - Agora me vem mais esta
provação. Não sou santo. Não faço milagres. Nunca fiz milagre

INÁCIA - De que vamos viver então? Não nos diga isso, Dom Nonato...

JOANINHA- Nós não temos nada. E agora até os santos já se põem a tirar o
corpo de banda.

BISPO - (sorrindo) O corpo de banda...Sei que é difícil pregar o amor
àqueles que têm fome e sede de justiça. Não quero, porém, con-
fundir os meus irmãos com falsas aparencias. Não se trata de /
abandono, senhora dona Joaninha, mas sou e serei sempre contra
os exploradores de milagres (levantando-se). - Esta, a lembrança
que lhes deixo.

(Inácia e Joanhina levam o Bispo para a cama)

BISPO - Vou repousar um pouco até a hora da partida.

(o Bispo deita-se. Inácia e joanhina baixam a cortina da cama. Voltam chorosas a sentar-se nos seus lugares).

JOANINHA - (assoando o nariz) Coitadinho, tanta bondade...

INÁCIA - Tamanha humildade nunca se viu...Nem São Geraldo Magela!

JOANINHA - E êle se vai, e ~~êla~~ dele não nos vai ficar nenhuma lembrança cinha.

INÁCIA - É verdade.

JOANINHA - Se ao menos êstes rebuçados fôsem presente dêle para mim, e não de mim para êle...Garanto-lhe, dona Inácia, que guardaria todos, não comeria um só...

INÁCIA - O mesmo lhe digo eu dêstes cravos que estou fazendo. Só que estas flôres ficariam para sempre, enquanto que os seus rebuçados melariam logo.

JOANINHA - Podia ser que não. Não vê que a gente botando dentro da goma e lacrando bem a lata...

INÁCIA - É verdade, mas dêle não nos vai ficar nenhuma lembrança. Se / ao menos nos sobrasse... Não, o que êle carrega é apenas o estritamente necessário,

JOANINHA - Coitadinho,êle é mais pobre que rato de igreja. E ainda não / quer que a gente nem pense que êle é santo.

INÁCIA - É assim mesmo., dona Joanhina, todo santo é exagerado.

JOANINHA - Quando lavava a sua roupa ficava dizendo de mim para mim: eu eu pego e guardo, como lembrança dêle, esta meia. Mas me vinha assim como uma coisa que me dizia lá dentro: se você fica com a meia, o par ficará incompleto e se você guarda os dois pés, o pobrezinho ficará sem seu único par de ~~meia~~ meia.Ah se pudesse, cortava um pedacinho da meia. Mas dava no mesmo,/ dona Inácia. Uma meia ficava estragada ou, no mínimo, remendada. E por isso não tive coragem de levar avante o meu plano.

INÁCIA - Eu também tenho pensado, pensado...E assim (olha para o alto) Vai-se um Santo que estêve nas nossas mãos...E vai-se sem nos deixar recordação.

JOANINHA - Pensei em pedir a êle uma mechinha de cabelo. Mandava castoar e...

INÁCIA - Você tinha coragem de tosquiar o coitadinho?

JOANINHA - Não, não tinha coragem. Mesmo, nem cabelo êle tem...Foi só pensamento. Também me lembrei - Inácia - de uma coisa que podia / ficar para mim, mas que não é dêle, é traste da casa de coro - nel Paulino...

INÁCIA - Se não é dêle não me interessa. Que me importa a riqueza do Coronel Paulino?

JOANINHA - Porém o Coronel não vai mais querer, porque já foi usado. E / gente rica é sempre cheia de baldas e laudas. Pensei naquele.. Veja, tenho até acanhamento de lhe dizer...Não é dêle, mas foi usado por êle...e porque foi usado por êle, para mim é uma re liquia.

INÁCIA - Ora, fale, mulher.

JOANINHA - Pois eu pensei em ficar com aquele vaso de louça que está lá debaixo da cama...

INÁCIA - O que? Ora, dona Joanhina, mas êste pensamento já era o meu, de muito tempo!

JOANINHA - Ah, dona Inácia...

INÁCIA - Tinha graça! Então eu lhe dou a honra de vir para cá, como minha ajudante, e me quer a senhora carregar o vaso?

JOANINHA - Quem tira êle três, quatro vezes por dia?

INÁCIA - Não faz mais que a sua obrigação.

JOANINHA - É, com você as coisas delicadas...Comigo é que há de ser no pesado?

INÁCIA - Já vi que a senhora não é a ~~xxx~~ alma piedosa que aparentava ser, mas uma interesseira. Quer o seu aluguel, não é?

JOANINHA - (levantando-se) Não tenho o vaso na conta do aluguel, Deus me livre! Mas quem senão eu, ~~xxx~~ ia querer traste usado? Ah, Inácia, êle é meu!

INÁCIA - (levanta ndo-se) É meu, já lhe disse. E vamos deixar de muita intimidade, de muita confiança.

JOANINHA- Oxente, que negócio é êste de confiança? (Põe-se de gatinhas, rumo a cama do Bispo).

INÁCIA - Uma Joaninha Capão...

JOANINHA- (levantando-se) Senhora dona Inácia Ranheta, discuta se quiser, mas não me chame de Capão que isso eu não aguento. Se quiser / me ver doida, já já, repita o digo deste nome.

INÁCIA - (sentando-se) Ora, mulher, não vá acordar o Senhor Bispo! (Joaninha em desafio, põe as mãos na cintura, respira fundo, dá / alguns passos e volta a se pôr de gatinhas, rumo à cama. Inácia levanta-se e também se põe de gatinhas, ao lado de Joana . Esta apressa o andar e a outra segura-lhe a cintura).

JOANINHA- Me largue, mulher.

INÁCIA - O vaso é meu.

JOANINHA- É meu.

INÁCIA - É meu, conheça o seu lugar.

JOANINHA- Conheça o seu.

INÁCIA - Sua Capão.

JOANINHA- Capão é você, seu diabo.

INÁCIA - Fubana.

JOANINHA- Fubana é tu, jarataca velha.

INÁCIA - (grita) Capão, capão! (as duas se agarram, mas Joaninha segura o urinol, apesar dos esforços de Inácia. O Bispo grita, abrindo o resposteiro da cama. Inácia e Joaninha saem atracadas, pela porta da E).

BISPO - Socorro! Socorro! (Ouve-se o barulho do urinol partido e logo/ depois aparecem, espantados, dois seminaristas)

~~XXXXX~~

1º SEMINARISTA - O que foi? O que foi? Alguma lacraia?

2º " - O Senhor Bispo foi mordido?

(o 1º seminarista corre a mesinha, enche um copo d'água e leva-o até o Bispo.)

1º SEMINARISTA- Beba, senhor Bispo, beba!

2º Seminativista- O que foi, meu Senhor Bispo? Aonde foi, aonde foi?

1º " - (gritando) Dona Inácia Ranheta, dona Joaninha Mourão, corram aqui!

2º " - Onde estão as senhoras? As senhoras?

BISPO - (depois de beber a água) Calma, meus meninos, calma... Foram justamente elas...

1º SEMINATIVISTA- Elas?

2º " - O que foi? Um atentado? Socorro!

BISPO - Não gritem...elas...sairam engalfinhadas...com o vaso na mão...

1º SEMINARISTA- O vaso? que vaso?

BISPO - (apontando para baixo da cama) O urinol...

1º SEMINATIVISTA- O vaso? Ah, o vaso?

2º SEMINATIVISTA- Gente, que diabo elas viram?

BISPO - Para mim iam virar tudo. A voz me faltou. Mal pude ver pela fresta da cortina...lá se iam elas...

2º SEMINATIVISTA - Gente mais estrompa!

BISPO - (sorrindo desageitado) Dona Inácia...dona Joaninha...venham cá...
(O Bispo sai à procura de ambas, pela E. Os seminativistas riem)

VOZ BISPO-Ora, não foi nada. Venham. Venham se despedir de mim...(o Bispo aparece trazendo as bandas do urinol partido) Minhas boas / diocesanas...Se eu fôsse o santo que me dizem ser, prestaria / agora, a vocês, a homenagem de um milagre porque lhes devoto / um grande bem...Foram os dois anjos exaltados de minha cura.(Inácia e Joaninha aparecem, encabuladas. Inácia de véu na cabeça e Joaninha com o braço escondendo o rosto. O Bispo junta as bandas do vaso, uma na outra, tornando-o aparentemente perfeito)

BISPO - (com o urinol na mão) Vejam...

INÁCIA E JOANINHA - (ajoelando-se) Milagre! Milagre!

BISPO - Não se exaltem... não se exaltem... Aqui está um objeto que não é nosso, porem propriedade do Cel. Paulino. De louça, mas certamente não é porcelana de Sèvres. Se se tratasse de uma relíquia da Guerra do Paraguai, se tivesse pertencido a algum barão do Império... Não creio nas duas hipóteses. A louça me diz não ter mais de 20 anos. Assim sendo não adiante levá-lo à Bahia para as mãos milagrosas de um "ao faz tudo". Um vaso na sua função / humilde apenas. (ouve-se a buzina de um carro. Vozes aclamam o Bispo.) Levantem-se. (Inácia e Joaquina se levantam. O Bispo se para as bandas do vaso)

INÁCIA E JOANINHA - Oh! Ai!

BISPO - Aqui está sua parte, minha boa Inácia (entrega uma banda do urinol a Inácia), e a sua, minha extremosa Joaquina (idem) (os Seminaristas apanham as flôres e os rebuçados de Joaquina, e se afastam.) (O Bispo aproxima-se do proscênio) Ah, sertão grande e cinzento... Vila de São Francisco do Icó. (O Bispo abençoa o seu povo. E ouve-se a voz de um cantador.)

São Francisco de Icó
é terra de nossa inleição
hospedando o senhor Bispo
tem tôda sublimação
no trato tem dona Inácia
e tem Joaquina Mourão
Inácia mexendo o taxo
e Joaquina o cladeirão!

FIM

Rec 1986
Linha 1
Folha 63



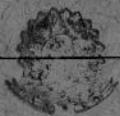
P 100

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

O VASO SUSPIRADO

DISTRIBUIÇÃO

AUTOR FRANCISCO P. DA SILVA



M. J. - D. P. F.
SERVIÇO CENSURA DE
DIVERSÕES E BICAS
PROCESSO NA T.C.T.C.

11-21-69

Assunto : ENDERÊÇOS PARA ENTREGA DO CERTIFICADO DE CENSURA

SERVIÇO DE TEATRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
TRV. QUINTINO BOCAYUVA, 1632
BELÉM-PARÁ

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
REITORIA
AVENIDA GOVERNADOR JOSE MALCHER, 1192
BELÉM-PARÁ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0116, p. 23



MINISTERIO DA EDUCACAO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Belém, 30 de outubro de 1969

CE. 31-113/69

Do Coordenador de Serviço de Teatro da Universidade Federal do Pará
Ao Delegado da Censura Federal em Brasília - Distrito Federal
Assunto: Textos para censura (encaminha)

Prezado Senhor:

A Escola de Teatro da Universidade Federal do Pará prepara-se para montar as peças CHAPÉU DE SEBO e VASO SUSPIRADO do conhecido autor Francisco Pereira da Silva, em programação de fim de ano, no Teatro da Paz, em Belém.

2. Per essa razão estamos encaminhando a V. Exa. os mencionados textos em três (3) vias, a fim de que sob sua superior apreciação nos seja fornecido o competente certificado de censura.

3. Segue também anexa cópia fotostática da autorização nº 159114, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, referente à liberação sob-paga dos direitos do autor, referentemente às duas peças.

4. Informamos a V. Exa. que nos resta pouco tempo para levar à cena as duas peças pelo que solicitamos nos seja enviado o Certificado de Censura dentro do menor espaço de tempo possível.

5. Certa de sua amável atenção ao nesse expediente, aproveitamos o ensejo para apresentar a V. Exa. protestos de elevada estima e consideração.

Waldemar Henrique

Coordenador de S.T.U.F.P.

Exmo. Sr.

Delegado da Polícia Federal em Brasília, Distrito Federal

Departamento de Polícia Federal

Edifício do B.N.D.E. 4º Andar

BRASILIA - DISTRITO FEDERAL



SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARRHOSE, 97 - 2.º andar.
Est. Telegr. SBAT-RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

24
[Signature]

Direitos de Representação

Autorização Nº 159114

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: CRISTO DE CARBO E VÍDO SUSPIRADO **

Original de FRANCISCO PETRINA DA SILVA ***

Música de *****

Tradução de *****

No Teatro ***** Cidade Belém

Empresa Escola de Teatro de Universidade Federal do Pará ***

nos dias 27 e 28 de novembro de 1956 ***

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr\$ 40.000,00 por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

..... de de outubro de 1956

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue as autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

[Signature]
(pela SBAT)
Isento de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

25
/

P A R E C E R

Documentação AUTORIZAÇÃO Nº 159114- sbat-

a) Título em Português: " O VASO SUSPIRADO "

b) Título original: xxx

c) Autor: FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

d) Tradutor: xxx

e) Diretor: xxx

f) Produtor: xxx

g) Companhia: xxx

h) Classificação da Censura: (PROIBIDA PARA MENORES DE 10 ANOS)

Análise Não é necessário fazer uma análise profunda e reconhecer que esta peça é uma troca no sentido de ofender aos padres

a) Gênero: COMÉDIA: Mal escrita e mal interpretada

b) Argumento: Prova-se que o autor não tem gosto. Fracassou com a fantasia apresentada e não teve êxito com a realidade que, procurou criar. Falta/ nesta peça o poder penetrante de diálogos e converças individuais

c) 1 - Mensagem: Não tem mensagem

2 - Impressão final: O fracasso das iniciativas do teatro moderno, é devido a falta de visão. Não procuram desenvolver uma técnica. Ou se apegam às pornografias, ou procuram falsas sátiras a moda de comédias

d) Diálogos: Em sequência cronológica e rotineira

e) Cenas: Panais

Handwritten notes and signatures at the bottom right of the page, including the name 'P. J. S.' and other illegible markings.

f) Personagens: Sem brilhantismo, foram rotineiros

g) Valor educativo: Nullidade no sentido educativo

III) Conclusão é bem notada a intenção do escritor e creio que a razão é muito simples: não gosta de padres. Isto só poderia ficar claro numa peça de linha dramática ascendente e não em uma comédia decadente. O Bispo, foi transformado em uma figura vulgar, graças a chantagem disfarçada do escritor. Na verdade, aceitaríamos qualquer coisa melhor, em busca do aprimoramento do teatro

Brasília, 11 de novembro de 19 69

Luiz Bezerra Tavares
Técnico de Censura - Cart. nº 083

Sr. Chefe da Seção de Censura

Credenciado

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Técnico de Censura credenciado LUIZ BEZERRA TAVARES, que a examinou.

TÍTULO:- O VASO SUSPIRADO
AUTOR:- Francisco Pereira da Silva
RESTRIÇÃO: 10 ANOS

OBS: Certificados p/ dois produtores.

Em, 11. N.º v 69

Jose Sampaio Braga
JOSE SAMPAIO BRAGA
TCTC-SC/SCDP

ATTC
E/ELVOR PARA
14 ANOS
12.11.69

Considerações do
Senhor chefe do SCDP.
Em 12/11/69
Jose Sampaio Braga



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0116, p. 28

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 1961/69

PEÇA -/::: O VASO SUSPIRADO :::/-

ORIGINAL DE FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 13 de NOVEMBRO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 13 de NOVEMBRO de 19 69

**IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS**

Chefe do S. C. D. P.

CONSTÂNCIO MONTEBELO - SUBSTITUTO

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS CPR.TEA.PTE. 0116, P-29

Certifico constar do livro nº -01- fôlha nº -63-, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - O VASC SUSPIRADO -

Original de FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de PRODUÇÃO ARTÍSTICAS PAULO GEORGE - Rio de Janeiro-GB

Tendo sido censurada em 11 de NOVEMBRO de 19 69 e recebido

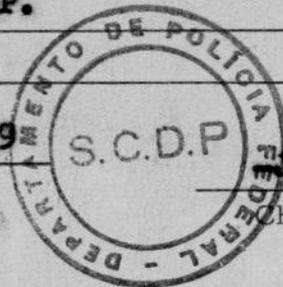
a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS:::

CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME

§ 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.

O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 13 de NOVEMBRO de 19 69



JOSE SAMPALO BRAGA-

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 1986/69

-/::: O VASO SUSPIRADO :::/-

PEÇA _____

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

ORIGINAL DE _____

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ **13** de **NOVEMBRO** de 19 **74**

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, **13** de **NOVEMBRO** de 19 **69**

**IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS**

Chefe do S. C. D. P. **CONSTÂNCIO MONTEBELLO** -Substituto

ap/

27

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

DFANBSB Nº ~~33~~ PR. TEA. PTE. 0116. P. 31

Certifico constar do livro nº _____, fôlha nº _____, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada **-O VASO SUSPIRADO-**

Original de **FRANCISCO PEREIRA DA SILVA**

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de **ESCOLA DE TEATRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - Belém-PA**

Tendo sido censurada em **11** de **NOVEMBRO** de 19 **69** e recebido

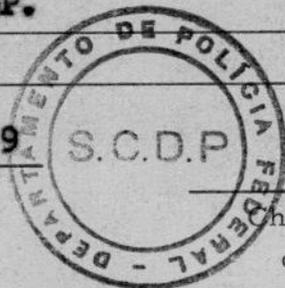
a seguinte classificação: **IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS :::::**

CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME

§ 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.

O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, **13** de **NOVEMBRO** de 19 **69**



JOSÉ Sampaio Braga

chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

28

Atenciosamente,

290/69-TCTC

13-11-69

CONSTANCIO MONTEBELLO
Chefe do SCDP
Chefe do SCDP Subst^a
Sr. Delegado Regional do DPF/GB
Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. assistir ensaios gerais das peças // " A GRUTA DOS ANJOS " e " O VASO SUSPIRADO ";
2. enviar a este SCDP relatórios minuciosos a respeito dos espetáculos e,
3. entregar a documentação anexo aos interessados - qualificados nos versos dos certificados - somente após autorização desta Chefia, via / rádio, à vista do constante do item 2.

Atenciosamente,

CONSTANCIO MONTEBELLO
Chefe do SCDP Subst^a.

13/11/69
[Handwritten signature]

28
290/69-TCTC

13-11-69

Chefe do SCDP

Sr. Delegado Regional do DPF/GB
Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. assistir ensaios gerais das peças // " A GRUTA DOS ANJOS " e " O VASO SUSPIRADO ";
2. enviar a este SCDP relatórios minuciosos a respeito dos espetáculos e,
3. entregar a documentação anexo aos interessados - qualificados nos versos dos certificados - somente após autorização desta Chefia, via / rádio, à vista do constante do item 2.

Atenciosamente,

CONSTANCIO MONTEBELLO
Chefe do SCDP Subst^a.

13/11/69
[Handwritten signature]

290/69-TCTC

13-11-69

Chefe do SCDP

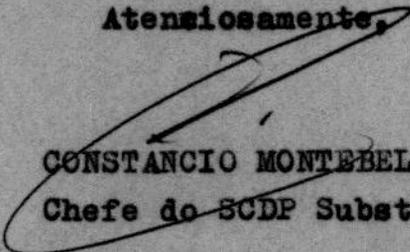
Sr. Delegado Regional do DPF/GB
Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. assistir ensaios gerais das peças // " A GRUTA DOS ANJOS " e " O VASO SUSPIRADO ";
2. enviar a este SCDP relatórios minuciosos a respeito dos espetáculos e,
3. entregar a documentação anexo aos interessados - qualificados nos versos dos certificados - somente após autorização desta Chefia, via / rádio, à vista do constante do item 2.

Atenciosamente,


CONSTANCIO MONTEBELLO
Chefe do SCDP Subst².

13/11/69


31
/

294-TCTC

14-11-69

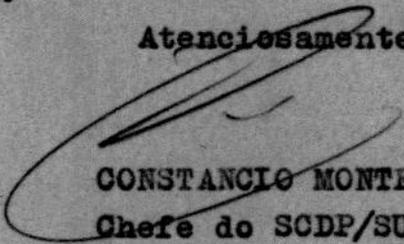
Chefe do SCDP
Sr. Delegado Regional do DPF/PA
Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. assistir ensaio geral da peça " O VASO SUSPIRADO ", de Francisco Pereira da Silva;
2. enviar a êste SCDP relatório minucioso a respeito do espetáculo e,
3. entregar scripts e certificados anexo ao interessado - qualificado no verso dos / certificados - somente após autorização desta // Chefia, via rádio, à vista do constante do item/ dois.

Atenciosamente,


CONSTANCIO MONTEBELLO
Chefe do SCDP/SUBST^a.

14/11/69


32
~~32~~

294-TCTC

14-11-69

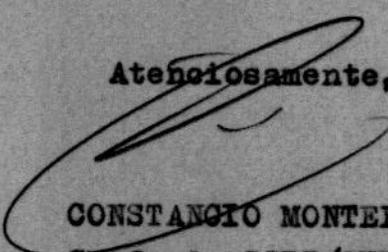
Chefe do SCDP
Sr. Delegado Regional do DPF/PA
Providências (solicita)

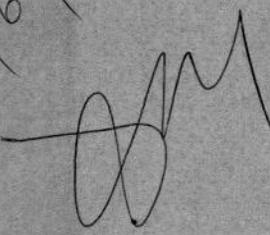
Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDD dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. assistir ensaio geral da peça " O VASO SUSPIRADO ", de Francisco Pereira da Silva;
2. enviar a este SCDP relatório minucioso a respeito do espetáculo e,
3. entregar scripts e certificados anexo ao interessado - qualificado no verso dos / certificados - somente após autorização desta // Chefia, via rádio, à vista do constante do item/ dois.

Atenciosamente,

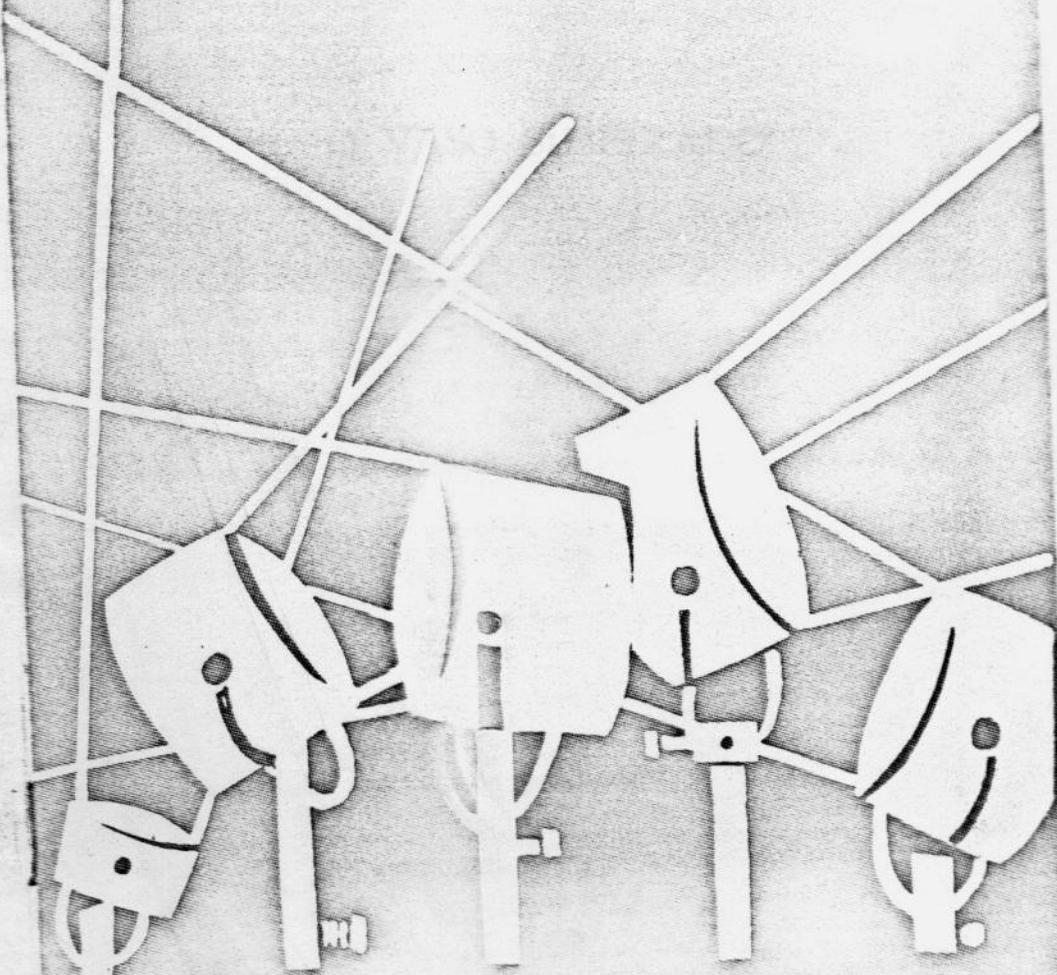

CONSTANCIO MONTEBELLO
Chefe do SCDP/SUBST^o.

14/11/69


FRANCISCO FERREIRA DA SILVA
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0116, p-38

ES

O VASO SUSPIRADO



COLEÇÃO DRAMATURGIA BRASILEIRA

O VASO SUSPIRADO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0116, p. 40

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

MINISTRO

JARBAS PASSARINHO

SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO

Diretor

FELINTO RODRIGUES NETO

SETOR DE DIFUSÃO CULTURAL

Coordenadora

Elza Lamartine de Faria

Pereira da Silva, Francisco, 1918 -

O vaso suspirado. Peça em 1 ato. Rio de Janeiro, Serviço Nacional de Teatro, 1973.

viii, 12p.

21 cm

1. Teatro — Arte Dramática. I. Título.

869.2B

O

Esta peça teve sua estréia em setembro de 1963, no Teatro Jovem, com direção de Cleber Santos, cenário de Anísio Medeiros e o seguinte elenco: Virginia Valli, Dirce Migliaccio, João das Neves, João Damasceno e Tarcísio Gurgel. Valeu ao autor o prêmio de melhor peça brasileira do Círculo Independente de Críticos Teatrais.

A parte do cantador coube a Fernando Léléis.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0116, p. 43
FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

O VASO SUSPIRADO

PEÇA EM 1 ATO

SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
RIO DE JANEIRO — 1973

P E R S O N A G E N S

INÁCIA RANHETA, *alta, magra, 50 anos*

JOANINHA MOURÃO, *baixa, gorda, 50 anos*

O BISPO, *80 anos e extremamente frágil*

1º SEMINARISTA — *18 anos*

2º SEMINARISTA — *18 anos*

Se hoje o teatro brasileiro se inclui entre os expoentes dessa manifestação de arte no panorama internacional, esse aprimoramento não constitui uma conquista do presente porque é, na realidade, efeito originário de uma causa benéfica que vem de longe, do alvorecer da nossa história porquanto, através de palcos ao ar livre ou construídos em cabanas, foi que Anchieta transmitiu as mensagens do Cristianismo e da Civilização aos silvícolas que povoavam nosso solo e cujas leis se resumiam nos impulsos da natureza e do instinto.

Posteriormente o teatro passou a ser usado como instrumento de maior profundidade, constituindo-se em elemento de pujança na formação intelectual e moral do nosso povo, glorificando os valores humanos ao mesmo tempo que anulava as falsas e imerecidas auréolas.

O exemplo do jovem apóstolo do Cristianismo, germinando no espírito dos mais autênticos representantes da cultura brasileira, tornou numerosa a constelação de escritores e poetas que deram ao teatro a contribuição do talento literário que os projetou na história.

Os problemas sociais, os costumes, a tradição de cada povo, eram retratados no palco com critério e consciência, dando-se ênfase aos vultos cujas vidas foram inteiramente consagradas ao desenvolvimento da ciência e das artes, sob todos os aspectos.

Autores do mais alto porte colocavam o talento a serviço das boas causas, e engrandecendo a Pátria, engrandeciam-se a si mesmos. Em todos os sentidos o teatro evoluiu, sobretudo tecnicamente, mas

dentro dele permanecem, vivas e palpitantes, as concepções imprecívveis dessas glórias do passado.

O SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO, na evocação dessas figuras inesquecíveis, tomou a iniciativa de propiciar, às gerações do presente, a oportunidade de um íntimo contato com o pensamento e as obras desses vultos imortais, num retrospecto evolutivo que se estende aos nossos dias, entrelaçando-os ao espírito criador dos autores contemporâneos que dão ao nosso teatro a dimensão cultural e artística de que nos orgulhamos. E, através do SETOR DE DIFUSÃO CULTURAL, responsável pela execução de seus editoriais, apresenta a terceira série de uma seqüência de publicações sob a epígrafe: "COLEÇÃO DRAMATURGIA BRASILEIRA".

Entretanto, para que essa aspiração do SNT se tornasse realidade, os Diretores da SHELL, numa demonstração de apreço às promoções culturais do nosso país, não relutaram em participar da iniciativa, assumindo, a responsabilidade do seu patrocínio.

Não poderíamos fugir ao dever desse registro que põe em relevo a simpatia da SHELL pelos valores históricos que integram a "COLEÇÃO DRAMATURGIA BRASILEIRA", destinada ao enriquecimento das bibliotecas nacionais e internacionais, atestados eloqüentes do aprimoramento cultural do nosso povo, da nossa gente.

FELINTO RODRIGUES NETO

CENÁRIO:

Sala de casa paroquial; ao fundo uma cama com dossel e cortinas em volta, vendo-se também, debaixo dela, um urinol de louça; uma mesinha servindo de aparador; nas paredes um ou dois quadros de santo; portas laterais. Sentadas em cadeiras belle époque, quase no proscênio (o proscênio deve sugerir uma varanda de segundo andar), estão Inácia Ranheta e Joaquina Mourão. Joaquina embrulha rebuçados em papel-de-seda frisado; Inácia retoca um ramo de cravos de papel crepom. Ao levantar da cortina ouve-se o arremate de um desafio entre dois cantadores:

1ª Voz — “Já fiz estrela correr
já fiz o sol esfriar
já segurei uma onça
para um moleque mamar.”

2ª Voz — “Passarim, se eu te bato
tenho pena de você,
cai o corpo pruma banda
e a cabeça — pode crer —
passa das nuvens pra cima
só volta quando chover.”

INÁCIA — Raça desconforme a destes cantadores... Só se calam mesmo quando a gente manda um positivo dizer, lá embaixo, que eles estão incomodando o sossego dos justos. Deus me dê paciência, senhora dona Joaquina.

JOANINHA — Não vê, dona Inácia Ranheta, que eles estão cantando — assim como se diz lá na linguagem deles — para louvar o Senhor Bispo, que vai-se embora (*levantando-se e olhando para baixo*). Veja como a rua já está fervilhando de gente que quer ver a saída do nosso Santo.

INÁCIA — A maioria, lhe garanto, é de fuxiquentos. E depois, a louvação destes cantadores chega a dar agonia na gente. Um diz que já fez o sol esfriar, e isto não é coisa que se diga, não senhora dona Joaquina, isto é heresia, e das grandes.

JOANINHA — Se os coitados não aprenderam as rezas... Ah, minha boa dona Inácia Ranheta, sorte foi a nossa, que estamos aqui há quinze dias, servindo o Senhor Bispo. Quantas quiseram estar, nesta hora, no nosso lugar?

INÁCIA — Foi uma graça, dona Joaquina Mourão. Mas, lhe pergunto — quem o senhor vigário iria encontrar aqui de mais competência do que eu?

JOANINHA — Nós, senhora dona Inácia Ranheta.

INÁCIA — A senhora dona Joaquina tem sido um braço forte na cozinha, na lavagem dos pratos e da roupa branca do santo visitante, porém, na direção dos serviços da casa, na preparação dos sonhos e de outros manjares de fino paladar, quem, senão a cabeça e as mãos de dona Inácia?

JOANINHA — Não se pabule, que a pabulagem leva as lamas ao fogo eterno...

INÁCIA — Minha boa Joaquina, não estou me pabulando, estou dizendo uma verdade, e a amiga não deve se sentir diminuída pela humildade de seus préstimos aqui na casa. Não, senhora dona Joaquina, uma alma verdadeiramente piedosa não deve se envergonhar por lavar os pratos de um leproso, inda mais que não se trata de um leproso, mas do nosso Senhor Bispo!

JOANINHA — Uma graça... (*suspira*). — Dona Inácia Ranheta, me perdoe pela ponta de inveja, de raiva mesmo, que senti quando vi a senhora dando o ponto no doce, quando eu, que tive o trabalho de mexer o tacho a tarde toda... Me perdoe o desespero quando vi a senhora toda não-me-toques fazendo os sonhos de que tanto gosta o nosso doentinho, enquanto a mim tocava a lavagem das gamelas... (*Chora*)

INÁCIA — Oh, dona Joaquina Mourão, então a senhora teve raiva de sua amiga? Ainda bem que está arrependida e me relata o caso. Eu nunca lhe quis humilhar, mulher... Se a senhora fosse dar o ponto nos sonhos estragaria os sonhos — perderíamos ovos, manteiga e farinha de trigo — pois dona Joaquina mesma me confessou não saber fazer sonhos.

JOANINHA — Saber eu sabia, mas...

INÁCIA — Pensei até em dividir a tarefa com a senhora, que eu não desejo o céu só para mim, porém, dona Joaquina, tudo já vem escrito desde que o mundo é mundo: umas para o forno, outras para o fogão e todas para a salvação (*Joaquina chora alto*). Mas por que o diabo deste choro, criatura? Que desadorno é este? Olhe que a senhora perturba o sossego do nosso paizinho... (*Levanta-se, vai até a porta da E, volta em pontas de pé*). Ele ainda está deitado na rede, tomando o seu banhozinho de sol...

JOANINHA (*assoando o nariz*) — Deus que me perdoe, mas tenho que isso só pode fazer é mal. Um santo fraquinho daquele tomando nos peitos este solão de rachar.

INÁCIA — Mas é sol da manhã, dona Joaquina. E depois a receita não é minha, é do Dr. Batista.

JOANINHA — Ora, o Batistinha... um toco que eu vi nascer... Hum-hum, e o nosso paizinho a seguir o que diz o menino.

INÁCIA — Se viu o Batistinha nascer, não é vantagem, que eu também vi. E de lá pra cá, senhora, conte vinte e cinco anos. Batistinha estudou na Bahia e já é até pai de família.

JOANINHA — Mas eu não faço fé em conselho de gente que eu vi nascer.

INÁCIA — Para lhe ser franca, eu também não vou lá muito com as recomendações do nosso doutor. Sou até hoje o que sou porque nunca andei tomando sol e sereno. Não fosse um reumatismo que me ferroa aqui na ponta do cotovelo...

JOANINHA — Pois o santo remédio é banha de cascavel!

INÁCIA — Ora, dona Joaquina, não me venha ensinar padre-nosso. E depois, não é no meu reumatismo nem na ciência do doutor que devemos pensar, mas na despedida daqui logo mais, do nosso paizinho. (*Joaquina chora*) Chore, criatura, chore e chore muito, alivie o seu peito, que não teremos tão cedo a sorte de tratar de um Bispo. Ele agora que está bom, vai deixar — e meu coração só me diz que para sempre — esta vila de São Francisco do Icó... (*Limpa uma lágrima*).

JOANINHA — Chego até a pensar que foi uma graça de Deus a doença de Dom Nonato. Onde algum dia eu pensei em lavar as roupinhas de um santo?

INÁCIA — Mas lembre-se que está aqui por chamado meu. Tive carta branca do vigário para escolher as minhas auxiliares.

JOANINHA — É, mas eu também até lembrei ao Padre José o seu nome.

INÁCIA — O meu nome? E precisava, dona Joaquina Mourão? e precisava? Quem neste Icó — sem querer me gabar — seria capaz de arcar com Bispo? A mulher do coronel Paulino? aquele bando de sirigaitas lá do coro? Precisava lembrar o meu nome? Quem sabe receber nesta terra? quem entende aqui de pratos delicados?

JOANINHA — Coitadinho do Santo... pegou uma disenteria...

INÁCIA — Porém, culpe não a terra, que é abençoada, mas os importantes desta terra, que são uns acavalados. Atocharam comida gorda e bruta no velhinho, que foi um horror. O Senhor Bispo gosta de carne assada com pirão de leite? Pois haja carne assada e pirão de leite pra cima do pobre. Gosta de panelada, gosta de sarapatel? e mais coalhada e mais requeijão? Credo, aí está no que deu. Quase matam o Santo. Justiça se faça ao Dr. Batista, que me chamou logo para tratar do nosso Pastor. E de ordem dele — com todo o meu apoio — aqui ninguém mais entrou com comidinhas. Inácia Ranheta não gosta de se gabar, não, mas aí está o Bispo, curado.

JOANINHA — Curado, pode dizer. E agora vai-se embora um Santinho que casou tanta gente que vivia por aí, aos magotes, em mancebia, que batizou menino taludo, que crismou homem de barba já cerrada, e que despotismo de milagre andou obrando...

INÁCIA — Não vê a quantidade de pedidos que ele recebe por dia? São queixumes de todos estes arredores.

JOANINHA — Eu mesma sou testemunha de duas curas, senhora dona Inácia Ranheta. Uma, no menino de Josefa Coati, que dava como que uns ataques e foi só ele lá chegar, foi como água no bra-seiro, chiou e serenou. Pois ainda ontem, à boquinha da noite, eu não vi o diabo do moleque comendo uma talhada de melancia? São-zinho como Deus quer as almas. A outra foi o caso da mão de seu Antenor...

INÁCIA — Chiu... *(ouvem-se passos)* É ele...

(Aparece o Bispo. Inácia e Joaquina correm a segurá-lo, e o ajudam a sentar-se numa cadeira de balanço).

BISPO — Obrigado, obrigado... Os seminaristas já chegaram!

INÁCIA — Já estiveram aqui, com o Padre José e o senhor Vigário de Vila Formosa, mas como o nosso paizinho estava repousando, eles aproveitaram para a arrumação das bagagens, lá embaixo.

BISPO — Muito bem, muito bem. Então, dentro de uma hora o seu velho Pastor estará dizendo adeus a São Francisco do Icó... Agradecendo de todo coração — e Deus os recompensará — o tratamento carinhoso que me dispensaram. (*Inácia e Joaquinha choram*) Por que choram, minhas ovelhinhas? Nunca me esquecerei do desvelo com que me trataram, das sopinhas que me estimularam o apetite, feitas por dona Inácia Ranheta — tão leves e tão delicadas, e que nenhum mal fariam ao estômago do mais sensível querubim... E como esquecer as mãos carinhosas de dona Joaquinha Mourão, que transformaram os meus trapos velhos, encardidos, em linho alvo como o lírio? (*Joaquinha chora; Inácia vai apanhar a correspondência que está sobre a mesa e a entrega ao Bispo*) Não chore, dona Joaquinha, antes se alegre e agradeçamos a Deus a minha cura.

JOANINHA — Mas é que o nosso Santinho nunca mais voltará a Icó...

BISPO — Eu, santinho? (*Sorri*). Santinho aqui é São Francisco e este não abandonará nunca o povo bom desta vila.

JOANINHA — Mas o senhor é também um santinho. Então eu não ví curado o menino de Josefa Coati?

INÁCIA — Dona Joaquinha está com a razão. O senhor, nosso paizinho, é um Santo.

BISPO — Oh, minhas boas diocesanas, não digam semelhante coisa. Eu nunca fiz e nem desejo, na vida, fazer milagres.

JOANINHA — Ah, não negue, não negue. Diga só para nós, diga...

BISPO — Aspirar à santidade é dever de todo cristão, mas longe estou de semelhante graça — pobre e imperfeito mortal que sou.

JOANINHA (*tapando os ouvidos*) — Que horror, meu paizinho! E eu? E nós, dona Inácia Ranheta? Nós, onde estamos?

INÁCIA — Pois quer ver a fama de sua santidade? (*Tirando uma carta que traz à cintura*). Esta carta me escreveu uma amiga da Chapadinha. Ela esteve aqui, durante as Missões — é a Celeste

Borges, dona Joanhina — pois bem, ela manda me perguntar se eu me lembro onde ela engomou aquele seu vestido branco, se foi na sala ou se foi no quarto, aqui ao lado. Porque, se foi nesta sala, onde agora está dormindo o nosso paizinho, o vestido continuará no baú, branco e engomadinho, até o dia de sua morte, quando lhe servirá de mortalha. Que aquele vestido vai-se tornar para ela uma relíquia.

JOANINHA — Pois foi nesta sala, me lembro como se fosse hoje.

BISPO — Pois não foi nesta sala, não. Mande dizer à moça que ela deixe de ser boba, que vista o vestido dela nos passeios, que deixe de abusão, de doidice. Ora que isso até me dá raiva...

JOANINHA — Virgem, meu senhor Dom Nonato! Deixe de brincadeiras que eu sei que meu paizinho não guarda raiva de ninguém.

INÁCIA — Todo mundo daqui destas bandas tem o Senhor Bispo na conta de Santo. E é verdade. Eu e dona Joanhina Mourão somos testemunhas, podemos jurar...

BISPO — Jurariam em vão, o que é um pecado. E eu não consentirei que se diga tamanha tolice. Fiquem vocês sabendo que sou apenas um pastor de almas, mais esclarecido que vocês, mas por isso mesmo, mais sujeito às tentações e à perdição. Procuo, como vocês, a santidade, mas longe estou de alcançá-la.

JOANINHA — Virgem Maria, meu paizinho delira!

INÁCIA (*gritando*) — Dom Nonato! Dom Nonato!

BISPO — Que se afaste de mim mais esta tentação do Maldito. Sou um homem de carne e osso, imperfeito, mortal imperfeito que procura separar o Bem do Mal. Estou chegando ao fim e minha luta não tem sido fácil. A infecção intestinal, que me ia levando, não foi uma prova da minha intemperança. Não resisti aos queijos do sertão e à sua carne seca de sol... Ah, o úbere de uma novilha gorda... (*sorri desalentado*) — Agora me vem mais esta provação. Não sou santo. Não faço milagres. Nunca fiz milagres.

INÁCIA — De que vamos viver então? Não nos diga isso, Dom Nonato...

JOANINHA — Nós não temos nada. E agora até os Santos já se põem a tirar o corpo de banda.

BISPO (*sorrindo*) — O corpo de banda... Sei que é difícil pregar o amor àqueles que têm fome e sede de justiça. Não quero,

porém, confundir os meus irmãos com falsas aparências. Não se trata de abandono, senhora dona Joaquina, mas sou e serei sempre contra os exploradores de milagres (*levantando-se*). — Esta, a lembrança que lhes deixo.

(Inácia e Joaquina levam o Bispo para a cama).

BISPO — Vou repousar um pouco até a hora da partida.

(O Bispo deita-se. Inácia e Joaquina baixam a cortina da cama. Voltam chorosas a sentar-se nos seus lugares).

JOANINHA (*assoando o nariz*) — Coitadinho, tanta bondade...

INÁCIA — Tamanha humildade nunca se viu... Nem São Geraldo Magela!

JOANINHA — E ele se vai, e dele não nos vai ficar nenhuma lembrancinha.

INÁCIA — É verdade.

JOANINHA — Se ao menos estes rebuçados fossem presente dele para mim, e não de mim para ele... Garanto-lhe, dona Inácia, que guardaria todos, não comeria um só...

INÁCIA — O mesmo lhe digo eu destes cravos que estou fazendo. Só que estas flores ficariam para sempre, enquanto que os seus rebuçados melariam logo.

JOANINHA — Podia ser que não. Não vê que a gente botando dentro da goma, e lacrando bem a lata...

INÁCIA — É verdade, mas dele não nos vai ficar nenhuma lembrança. Se ao menos nos sobrasse... Não, o que ele carrega é apenas o estritamente necessário.

JOANINHA — Coitadinho, ele é mais pobre que rato de igreja. E ainda não quer que a gente nem pense que ele é santo.

INÁCIA — É assim mesmo, dona Joaquina, todo santo é exagerado.

JOANINHA — Quando lavava a sua roupinha ficava dizendo de mim para mim: eu pego e guardo, como lembrança dele, esta meia. Mas me vinha assim como uma coisa que me dizia lá dentro: se você fica com a meia, o par ficará incompleto e se você guarda os dois pés, o pobrezinho ficará sem o seu único par meia. Ah,

se pudesse, cortava um pedacinho da meia. Mas dava no mesmo, dona Inácia. Uma meia ficava estragada ou, no mínimo, remendada. E por isso não tive coragem de levar avante o meu plano.

INÁCIA — Eu também tenho pensado, pensado... E assim (*olha para o alto*) vai-se um Santo que esteve nas nossas mãos... E vai-se sem nos deixar recordação.

JOANINHA — Pensei em pedir a ele uma mechinha de cabelo. Mandava castoar e...

INÁCIA — Você tinha coragem de tosquiar o coitadinho?

JOANINHA — Não, não tinha coragem. Mesmo, nem cabelo ele tem... Foi só pensamento.

JOANINHA — Também me lembrei — Inácia — de uma coisa que podia ficar para mim, mas que não é dele, é traste da casa de Coronel Paulino...

INÁCIA — Se não é dele não me interessa. Que me importa a riqueza do Coronel Paulino?

JOANINHA — Porém o Coronel não vai mais querer, porque já foi usado. E gente rica é sempre cheia de baldas e laudas. Pensei naquele... Veja, tenho até acanhamento de lhe dizer... Não é dele, mas foi usado por ele... e porque foi usado por ele, para mim, é uma relíquia.

INÁCIA — Ora, fale, mulher.

JOANINHA — Pois eu pensei em ficar com aquele vaso de louça que está lá debaixo da cama...

INÁCIA — O que? Ora, dona Joaquinha, mas este pensamento já era o meu, de muito tempo!

JOANINHA — Ah, dona Inácia...

INÁCIA — Tinha graça! Então eu lhe dou a honra de vir para cá, como minha ajudante, e me quer a senhora carregar o vaso?

JOANINHA — Quem tira ele três, quatro vezes por dia?

INÁCIA — Não faz mais que a sua obrigação.

JOANINHA — É, com você as coisas delicadas... Comigo é que há de ser no pesado?

INÁCIA — Já vi que a senhora não é a alma piedosa que aparentava ser, mas uma interesseira. Quer o seu aluguel, não é?

JOANINHA (*levantando-se*) — Não tenho o vaso na conta de aluguel, Deus me livre! Mas quem, senão eu, ia querer um traste usado? Ah, Inacinha, ele é meu!

INÁCIA (*levantando-se*) — É meu, já lhe disse. E vamos deixar de muita intimidade, de muita confiança.

JOANINHA — Oxente, que negócio é este de confiança? (*Põe-se de gatinhas, rumo à cama do Bispo*).

INÁCIA — Uma Joana Capão...

JOANINHA (*levantando-se*) — Senhora dona Inácia Ranheta, discuta se quiser, mas não me chame de Capão que isto eu não agüento. Se quiser me ver doida, já já, repita o diabo deste nome.

INÁCIA (*sentando-se*) — Ora, mulher, não vá acordar o Senhor Bispo!

(*Joaninha, em desafio, põe as mãos na cintura, respira fundo, dá alguns passos e volta a se por de gatinhas, rumo à cama. Inácia levanta-se e também se põe de gatinhas, ao lado de Joana. Esta apressa o andar e a outra segura-lhe a cintura*).

JOANINHA — Me largue, mulher.

INÁCIA — O vaso é meu.

JOANINHA — É meu.

INÁCIA — É meu, conheça o seu lugar.

JOANINHA — Conheça o seu.

INÁCIA — Sua Capão.

JOANINHA — Capão é você, seu diabo.

INÁCIA — Fubana.

JOANINHA — Fubana é tu, jararaca velha.

INÁCIA (*grita*) — Capão, Capão!

(*As duas se agarram, mas Joaninha segura o urinol, apesar dos esforços de Inácia. O Bispo grita, abrindo o reposteiro da cama. Inácia e Joaninha saem atacadadas, pela porta da E*).

BISPO — Socorro! Socorro!

(Ouve-se o barulho do urinol partido e logo depois aparecem, espantados, dois Seminaristas).

1º SEMINARISTA — O que foi? O que foi? Alguma lacraia?

2º SEMINARISTA — O Senhor Bispo foi mordido?

(O 1º Seminarista corre à mesinha, enche água um copo e leva-o ao Bispo).

1º SEMINARISTA — Beba, beba, Senhor Bispo!

2º SEMINARISTA — O que foi, meu Senhor Bispo? Aonde foi, aonde foi?

1º SEMINARISTA *(gritando)* — Dona Inácia Ranheta, dona Joaquina Mourão, corram aqui!

2º SEMINARISTA — Onde estão as senhoras? As senhoras?

BISPO *(depois de beber a água)* — Calma, meus meninos, calma... Foram justamente elas...

1º SEMINARISTA — Elas?

2º SEMINARISTA — O que foi? Um atentado? Socorro!

BISPO — Não gritem... Elas... saíram engalfinhadas... com o vaso na mão...

1º SEMINARISTA — O vaso? que vaso?

BISPO *(apontando para baixo da cama)* — O urinol...

1º SEMINARISTA — O vaso? Ah, o vaso?

2º SEMINARISTA — Gente, que diabo elas viram?

BISPO — Para mim iam virar tudo. A voz me faltou. Mal pude ver pela fresta da cortina... lá elas se iam...

2º SEMINARISTA — Gente mais estrompa!

BISPO *(sorrindo desajeitado)* — Dona Inácia... dona Joaquina... venham cá...

(O Bispo sai à procura de ambas, pela E. Os Seminaristas riem).

VOZ DO BISPO — Ora, não foi nada. Venham. Venham se despedir de mim...

(O Bispo aparece trazendo as bandas do urinol partido).

BISPO — Minhas boas diocesanas... Se eu fosse o santo que me dizem ser, prestaria agora, a vocês, a homenagem de um milagre porque lhes devoto um grande bem... Foram os dois anjos exaltados de minha cura.

(Inácia e Joaquina aparecem, encobertas. Inácia de véu na cabeça e Joaquina com o braço escondendo o rosto. O Bispo junta as bandas do vaso, uma na outra, tornando-o aparentemente perfeito)

BISPO *(com o urinol na mão)* — Vejam...

INÁCIA e JOANINHA *(ajoelhando-se)* — Milagre! Milagre!

BISPO — Não se exaltem, não se exaltem... Aqui está um objeto que não é nosso, porém propriedade do Coronel Paulino. De louça, mas certamente não é porcelana de Sèvres. Se se tratasse de uma relíquia da Guerra do Paraguai, se tivesse servido a algum Barão do Império... Não creio nas duas hipóteses. A louça me diz não ter mais de vinte anos. Assim sendo não adianta levá-lo à Bahia para as mãos milagrosas de um "Ao Faz Tudo". Um vaso na sua função humilde apenas. *(Ouve-se a buzina de um carro. Vozes aclamam o Bispo).*

BISPO — Levantem-se.

(Inácia e Joaquina se levantam. O Bispo separa as bandas do vaso).

INÁCIA e JOANINHA — Oh! Ai!

BISPO — Aqui está a sua parte, minha boa Inácia *(entrega uma banda do urinol a Inácia)*, e a sua, minha extremosa Joaquina *(idem)*.

(Os Seminaristas apanham as flores de Inácia e os rebuçados de Joaquina, e se afastam).

BISPO *(aproximando-se do proscênio)* — Ah, sertão grande e cinzento... Vila de São Francisco do Icó.

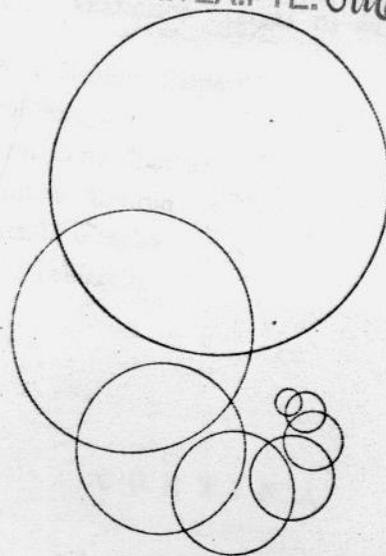
(O Bispo abençoa o seu povo. E ouve-se a voz de um cantador:)

São Francisco de Icó
é terra de nossa inleição

hospedando o Senhor Bispo
tem toda sublimação
no trato tem dona Inácia
e tem Joaquina Mourão
Inácia mexendo o tacho
e Joaquina o caldeirão!

C O R T I N A

Este livro foi transcrito da publicação
"Caderno de Teatro" nº 30,
abril-junho de 1965.



Cultura também é desenvolvimento.

Além de investimentos em vários setores da economia, a Shell vem colaborando nas áreas de educação e cultura, através de doações, patrocínios de programas educativos e culturais, distribuição de bolsas de estudos, empréstimos de filmes educativos e muitas outras iniciativas.

Afinal, desenvolvimento é mais do que fábricas. É também cultura e educação.

Shell

nosso melhor negócio é acreditar no Brasil.



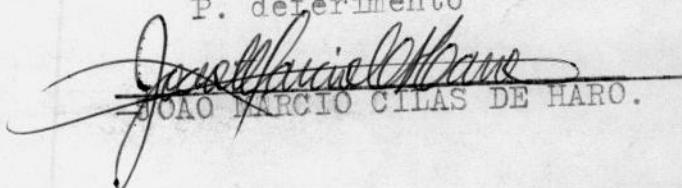
34
~~18~~

SENHOR DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS

João Marcio Cilas de Haro, brasileiro, solteiro, residente à rua Rosa e Silva, 113 - apto. 41, bairro Santa Cecília, São Paulo, Capital, em nome de José Rubens Siqueira & Cia. Ltda., (Grupo Vereda) vem mui respeitosamente solicitar a expedição de certificado de censura para o texto abaixo, juntando para tanto o requerido por lei.

Peça: O VASO SUSPIRADO
autor: Francisco Pereira da Silva
1 ato.

Nêstes têmos
P. deferimento


~~JOÃO MARCIO CILAS DE HARO.~~

Reconhecida como de Utilidade Pública
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agosto
— de 1920. —

BR. DEANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0116.P.61



Filiada à Confederação Internacional das
Sociedades de Autores e Compositores.
— de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

35
/

Direitos de Representação Autorização Nº 172472

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: O VASO S. N. S. P. IRADO

Original de Francisco Pereira da Silva
Música de
Tradução de
No Teatro Diversos (Anteriores) Cidade S. Paulo
Empresa José Ruben Siguel Cia. LTDA
nos dias Para Censura da Peça
sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

.....% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

S. Paulo 9 de Jan de 1957

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
* 9 JAN 1970 *

(pelo SBAT)
SUCURSAL SAO PAULO - 2945.
Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957
Visto:

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo balho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de qualquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou qualquer outros responsáveis pelas representações, exhibições, irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

36

f) Personagens: Bispo, as duas senhoras representando as mulheres daquela pequena cidade, os homens com suas cantigas de viola "desafios" mostrando os costumes, a crença e o modo de agradar um visitante querido.

g) Valor educativo: Relativo.

III) Conclusão A peça retrata bem a vida de nosso homem rural das zonas mais atrasadas. Lugar onde todos nem mesmo resar sabem. Povo simples bom, prestativo, que tem Deus acima de tudo e por isso mesmo fazem uma só família. A presente obra para ser encenada deveria ser arbitrada a impropriedade de 10 anos, tendo em vista o seu entendimento. Entretanto, já foi liberada para 14 anos e esta deverá continuar por força de dispositivo legal. Os escritos são perfeitamente idênticos.

Brasília, 13 de Janeiro de 1970

[Assinatura]
 JOSÉ SAMPAIO BRAGA
 Técnico de Censura - Cart. nº 027
 Ag. Pol. Fed. - 15B-Mat. 2 096 462
 Téc. Cens. credenciado Port. 01/69-DG

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada com o voto do Técnico de Censura Credenciado JOSÉ SAMPAIO BRAGA, que a examinou:

TÍTULO :- O VASO SUSPIRADO

AUTOR :- FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

REST. :- 14 ANOS- OBS; CERT. VALIDO ATÉ 13-NOVEMBRO-74

EM, 14-01-70

[Assinatura]
 TCTC-SC-SGDP

Senhor Chefe:

Critica ao atraso da população rural brasileira. 14 anos e a impropriedade acentada.

Em 23/1/1970

[Assinatura]



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Proc. 109-TC/TC
Ref. 2208/70

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: O VASO SUSPIRADO
- b) Título original: Idem
- c) Autor: Francisco Pereira da Silva
- d) Tradutor: -
- e) Diretor: -
- f) Produtor: José Rubens Siqueira & Cia Ltda
- g) Companhia: Grupo Vereda (SP)
- h) Classificação da Censura: 10 anos seria a restrição etária mais acertada, mas de acordo com a Lei 5536/68 deverá continuar com a impropriedade arbitrada para dois produtores - 14 ANOS.

II) Análise

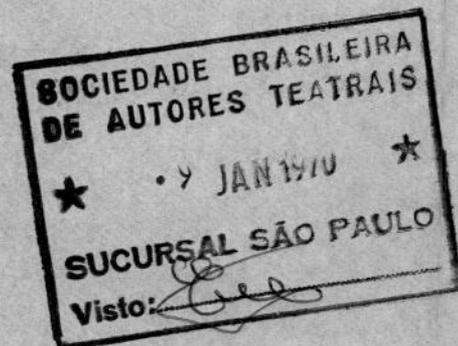
- a) Gênero: Comédia - satirizada
- b) Argumento: Retrata a vida de um povo analfabeto de uma cidade interiorana, sua crença, seus costumes, suas vaidades, etc. Um Bispo que para ali fôra, provavelmente por ocasião das Crismas, é acometido de doença intestinal e curado por duas senhoras, mais esclarecidas. O povo crê ser o Bispo, um santo, vendo milagres nas mais simples ações. No final, as madamas que cuidaram-no na doença, brigam pela posse de um vaso "urinol" utilizado por aquele Ministro de Deus, dividindo-o em duas partes.
- c) 1 - Mensagem: Mostra a ignorância do nosso homem rural e que muitas vezes para com ele, convivermos, somos obrigados a aceitar o que dizem.
- 2 - Impressão final: Que a crença, os costumes, são os remédios essenciais à satisfação do homem.
- d) Diálogos: simples.
- e) Cenas: Somente com o ensaio geral.

38

CENÁRIO: Sala de casa paroquial; ao fundo uma cama com dossel e cortinas em volta, vendo-se também, debaixo dela, um urinol de louça; uma mesinha servindo de aparador; nas paredes um ou dois quadros de santo; portas laterais. Sentadas em cadeiras belle époque, quase no proscênio, (o proscênio deve sugerir uma varanda de segundo andar), estão Inácia Ranheta e Joaninha Mourão. Joaninha embrulha rebuçados em papel de seda frisado; Inácia retoca um ramo de cravos de papel crepom. Ao levantar da cortina ouve-se o arremate de um desafio entre dois cantadores:

1ª voz - "Já fiz estrêla correr
já fiz o sol esfriar
já segurei uma onça
para um moleque mamar"

2ª voz - "Passarim, se eu te bato
tenho pena de você,
cai o corpo pruma banda
e a cabeça-pode crer-
passa das nuvens pra cima
só volta quando chover"



Inácia - Raça desconforme a dêstes cantadores... Só se calam mesmo quando a gente manda um positivo dizer, lá embaixo, que eles estão incomodando o sossêgo dos justos! Deus me dê paciência, senhora dona Joaninha.

Joaninha - Não vê, dona Inácia Ranheta, que êles estão cantando-assim como se diz lá na linguagem dêles-para louvar o Senhor Bispo, que vai-se embora (levantando-se e olhando para baixo). Veja como a rua já está fervilhando de gente que quer ver a saída do nosso Santo.

Inácia - A maioria, lhe garanto, é de fuxiquentos. E depois, a louvação dêstes cantadores chega a dar agonia na gente. Um diz que já fez o sol esfriar, e isto não é coisa que se diga, não senhora dona Joaninha, isto é heresia, e das grandes.

Joaninha - Se os coitados não aprederam as rezas... Ah, minha boa dona Inácia Ranheta, sorte foi a nossa, que estamos aqui, há quinze dias, servindo o Senhor Bispo. Quantas quizeram estar, nesta hora, no nosso lugar!

Inácia - Foi uma graça, dona Joaninha Mourão. Mas, lhe pergunto-quem o senhor vigário iria encontrar aqui de mais competência do que eu?

Joaninha - Nós, senhora dona Inácia Ranheta.

Inácia - A senhora dona Joaninha tem sido um braço forte na cozinha, na lavagem dos pratos e da roupa branca do nosso santo visitante, porém na direção dos serviços da casa, na preparação dos sonhos e de outros manjares de fino paladar, quem, senão a cabeça e as mãos de dona Inácia?

Joaninha - Não se pabule, que a pabulagem leva as almas ao fogo eterno...

Inácia - Minha boa Joaninha, não estou me pabulando, estou dizendo uma verdade e a amiga não deve se sentir diminuída pela humildade de seus préstimos aqui na casa. Não, senhora dona Joaninha, uma alma verdadeiramente piedosa não deve se envergonhar por lavar os pratos de um leproso, ainda mais que não se trata de um leproso, mas do nosso senhor Bispo!

Joaninha - Uma graça... (suspira). Dona Inácia Ranheta me perdoe pela ponta de inveja, ~~que~~ de raiva mesmo, que senti quando vi a senhora dando o ponto no doce, quando eu, que tive o trabalho de mexer o tacho a tarde toda... Me perdoe o desespero quando vi a senhora toda não me toques fazendo os sonhos de que tanto gosta o nosso doentinho, enquanto a mim tocava a lavagem das gamelas... (chora)

Inácia - Oh, dona Joaninha Mourão, então a senhora teve raiva de sua amiga? Ainda bem que está arrependida e me relata o caso. Eu nunca lhe quiz

humilhar, mulher... Se a senhora fôsse dar o ponto nos sonhos estragaria os sonhos-perderíamos ovos, manteiga e farinha de trigo- pois dona Joaninha mesma me confessou não saber fazer sonhos.

Joaninha- Saber eu sabia, mas...

Inácia- Pensei até em dividir a tarefa com a senhora, que eu não desejo o céu só para mim, porém, dona Joaninha, tudo já vem escrito desde que o mundo é mundo: umas para o forno, outras para o fogão e todas para a salvação (Joaninha chora alto) Mas porque o diabo deste choro, criatura? Que desadôro é este? Olhe que a senhora perturba o sossego do nosso paizinho... (levanta-se, vai até a porta da E, volta em pontas de pé). Ele ainda está deitado na rede, tomando o seu banhozinho de sol...

Joaninha- (assoando o nariz) Deus que me perdoe, mas tenho que isso só pode fazer é mal. Um santo fraquinho daquele tomando nos peitos este sol de rachar.

Inácia- Mas é sol da manhã, dona Joaninha. E depois a receita não é minha. é do Dr. Batista.

Joaninha- Ora, o Batistinha... um tôco que eu vi nascer... Hum-hum, e o nosso paizinho a seguir o que diz o menino.

Inácia- Se viu o Batistinha nascer, não é vantagem, que eu também vi. E de lá pra cá, senhora, conte vinte e cinco anos. Batistinha estudou na Bahia e já é até pai de família.

Joaninha- Mas eu não faço fé em conselho de gente que eu vi nascer.

Inácia- Para lhe ser franca, eu também não vou lá muito com as recomendações do nosso doutor. Sou até hoje o que sou, porque nunca andei tomando sol e sereno. Não fôsse um reumatismo que me ferrou aqui na ponta do cotovelo...

Joaninha- Pois o santo remédio é banha de cascavél!

Inácia- Ora, dona Joaninha, não me venha ensinar padre-nosso. E depois, não é no meu reumatismo nem na ciência do doutor que devemos pensar, mas na despedida, daqui logo mais, do nosso paizinho. (Joaninha chora) Chore, criatura, chore e chore muito, alivie o seu peito, que não teremos tempo cedo a sorte de tratar de um Bispo. Ele agora que está bom, vai deixar e meu coração só me diz que para sempre-esta vila de Sao Francisco do Icó.... (limpa uma lágrima)

Joaninha- Chego até a pensar que foi uma graça de Deus a doença de Dom Nonato. Onde algum dia eu pensei em lavar as roupinhas de um santo?

Inácia- Mas lembre-se que está aqui por chamado meu. Tive carta branca do vigário para escolher as minhas auxiliares.

Joaninha- E, mas eu também até lembrei ao Padre José o seu nome.

Inácia- O meu nome? E precisava, dona Joaninha Mourão, e precisava? Quem, neste Icó- sem querer me gabar- seria capaz de arcar com Bispo? A mulher do Coronel Paulino? aquele bando de sirigaitas lá do coro? Precisava lembrar o meu nome? Quem sabe receber nesta terra? quem entende aqui de pratos delicados?

Joaninha- Coitadinho do Santo... pegou uma disenteria...

Inácia- Porém, culpe não a terra, que é abençoada, mas os importantes desta terra que são uns acavalados. Atocharam comida gorda e bruta no velhinho, que foi um horror. O Senhor Bispo gosta de carne assada com pirão de leite? Pois haja carne assada e pirão de leite pra cima do pobre. Gosta de panelada, gosta de sarapatel? e mais coalhada e mais requeijão? Credo, aí está no que deu. Quase matam o Santo. Justiça se faça ao Dr. Batista que me chamou logo para tratar do nosso Pastor. E de ordem dêle- com todo o meu apoio- aqui ninguém mais entrou com comidinhas. Inácia Ralheta não gosta de se gabar, não, mas aí está o Bispo curado

Joaninha- Curado, pode dizer. E agora vai-se embora um Santinho que casou tanta gente que vivia por aí, aos magotes, em mancebia, que batisou menina taludo, que crismou homem de barba já cerrada, e que despotismo de milagre andou obrando...

Inácia- Não vê a quantidade de pedidos que êle recebe por dia? São ³⁴ queixumes de todos estes arredores.

Joaninha- Eu mesma sou testemunha de duas curas, senhora dona Inácia Ranheta. Uma, no menino de Josefa Coati, que dava como que uns ataques e foi só êle lá chegar, foi como água no braseiro, chiu e serenou. Pois ainda ontem, à boquinha da noite, eu não vi o diabo do moleque comendo uma talhada de melancia? Saozinho como Deus quer as almas. A outra foi o caso da mão de seu Antenor...

Inácia- Chiu...(ouvem-se passos) Êp êle...

(aparece o Bispo, Inácia e Joaninha correm a segurá-lo, e o ajudam a sentar-se numa cadeira de balanço)

Bispo- Obrigado, obrigado... Os seminaristas já chegaram?

Inácia- Já estiveram aqui, com o padre José e o senhor vigário de Vila Formosa, mas como o nosso paizinho estava repousando eles aproveitaram para a arrumação das bagagens, lá embaixo.

Bispo- Muito bem, muito bem. Então, dentro de uma hora o seu velho Pastor estará dizendo adeus a São Francisco do Icó... Agradecendo de todo o coração- e Deus os recompensará- o tratamento carinhoso que me dispensaram. (Inácia e Joaninha choram) Porque choram, minhas ovelhinas? Nunca me esquecerei do ~~deixei~~ desvelo com que me trataram, das sopinhas que me estimularam o apetite, feitas por dona Inácia Ranheta- tao leves e tao delicadas, e que nenhum mal fariam ao estômago do mais sensível querubim... E como esquecer as mãos carinhosas de dona Joaninha Mourao, que transformaram os meus trapos velhos, encardidos, em linho alvo como o lírio? (Joaninha chora; Inácia vai apanhar a correspondência que está sobre a mesa e a entrega ao Bispo).

Bispo- Não chore, dona Joaninha, antes se alegre e agradeçamos a Deus a minha cura.

Joaninha- Mas é que o nosso santinho nunca mais voltará a Icó...

Bispo- Eu, santinho? (sorri) Santinho aqui é São Francisco e êsse não abandonará nunca o povo bom desta vila.

Joaninha- Mas o senhor é também um santinho. Então eu não vi curado o menino da Josefa Coati?

Inácia- Dona Joaninha está com a razão. O senhor, nosso paizinho, é um Santo.

Bispo- Oh, minhas boas diocesanas, não digam semelhante coisa. Eu nunca fiz e nem desejo, na vida, fazer milagres.

Joaninha - Ah, não negue, não negue. Diga só para nós, diga...

Bispo- Aspirar à santidade é dever de todo cristão, mas longe estou de semelhante graça-pobre e imperfeito mortal que sou.

Joaninha- (tapando os ouvidos) Que horror, meu paizinho! E eu? E nós, dona Inácia Ranheta? Nós onde estamos?

Inácia- Pois quer ver a fama de sua santidade?(tirando uma carta que traz à cintura) Esta carta me escreveu uma amiga da Chapadina. Ela esteve aqui durante as missoes-é a Celste Borges, dona Joaninha-pois bem, ela manda me perguntar se eu me lembro onde ela engomou aquêle seu vestido branco. se foi na sala ou se foi no quarto, aqui ao lado. Porque, se foi nesta sala, onde agora está dormindo o nosso paizinho, o vestido continuará no baú, branco e engomadinho até o dia de sua morte, quando lhe servirá de mortalha. Que aquêle vestido vai se tornar para ela uma relíqui.

Joaninha- Pois foi nesta sala, me lembro como se fosse hoje.

Bispo- Pois não foi nesta sala, não. Mande dizer à moça que ela deixe de ser

bobã, que vista o vestido dela nos passeios, que deixe de abusar, de doideira. Ora que isso até me dá raiva...

Joaninha- Virgem, meu senhor Dom Nonato! Deixe de brincadeiras que eu sei que meu paizinho não guarda raiva de ninguém.

Inácia- Todo mundo daqui destas bandas tem o Senhor Bispo na conta de Santo. É verdade. Eu e dona Joaninha Mourao somos testemunhas, podemos jurar...

Bispo- Jurariam em vão, o que é um pecado. E eu não consentirei que se diga tamanha tolice. Fiquem vocês sabendo que sou apenas um pastor de almas, mais esclarecido que vocês, mas por isso mesmo, mais sujeito às tentações e à perdição. Procuro, como vocês a santidade, mas longe estou de alcançá-la.

Joaninha- Virgem Maria, meu paizinho delira!

Inácia-(gritando) Dom Nonato! Dom Nonato!

Bispo- Que se afaste de mim mais esta tentação do maldito. Sou um homem de carne e osso, imperfeito, mortal imperfeito que procura separar o Bem do Mal. Estou chegando ao fim e minha luta não tem sido fácil. A infecção intestinal que me ia levando, não foi uma prova da minha intemperança. Não resisti aos queijos do sertão e à sua carne seca de sol... Ah, o úbere de uma novilha gorda... (sorri desalentado)- Agora me vem mais esta provação. Não sou santo. Não faço milagres. Nunca fiz milagres.

Inácia- De que vamos viver então? Não nos diga isso, Dom Nonato...

Joaninha- Nós não temos nada. E agora até os santos já se põem a tirar o corpo de banda.

Bispo- (sorrindo) O corpo de banda... Sei que é difícil pregar o amor àqueles que tem fome e sede de justiça. Não quero, porém, confundir os meus irmãos com falsas aparências. Não se trata de abandono, senhora dona Joaninha, mas sou e serei sempre contra os exploradores de milagres (levantando-se)- Esta, a lembrança que lhes deixo.

(Inácia e Joaninha levam o Bispo para a cama)

Bispo- Vou repousar um pouco até a hora da partida.

(O Bispo deita-se. Inácia e Joaninha baixam a cortina da cama, Voltam chorosas a sentar-se nos seus lugares)

Joaninha- (assoando o nariz) Coitadinho, tanta bondade...

Inácia- Tãmanha humildade nunca se viu...nem São Geraldo Magela!

Joaninha- E êle se vai, e dêle não nos vai ficar nenhuma lembrancinha.

Inácia- É verdade.

Joaninha- Se ao menos estes rebuçados fossem presente dêle para mim, e não de mim para êle... Garanto-lhe, dona Inácia, que guardaria todos, não comeria um só...

Inácia- O mesmo lhe digo eu destes cravos que estou fazendo. Só que estas flores ficariam para sempre, enquanto que os seus rebuçados melariam logo.

Joaninha- Podiam ser que não. Não vê que a gente botando dentro da goma, e lacerando bem a lata...

Inácia- É verdade, mas dêle não nos vai ficar nenhuma lembrança. Se ao menos nos sobrasse... Não, o que êle carrega é apenas o estritamente necessário.

Joaninha.- Coitadinho, êle é mais pobre que rato de Igreja. E ainda não quer que a gente nem pense que êle é santo.

Inácia- É assim mesmo, dona Joaninha, todo o Santo é exagerado.

Joaninha- Quando lavava a sua roupinha, ficava dizendo de mim para mim: eu pego e guardo como lembrança dele, esta meia. Mas me vinha assim como uma coisa que me dizia lá dentro: se você fica com a meia, o par ficará incompleto e se você guarda os dois pés, o pobrezinho ficará sem o seu unico par de meia. Ah, se pudesse, cortava um pedacinho da meia. Mas dava no mesmo, dona Inácia. Uma meia ficava estragada ou, no mínimo, remendada. E por isso não tive coragem de levar avante o meu plano.

Inácia- Eu também tenho pensado, pensado... E assim (olha para o alto) vai-se um Santo que esteve nas nossas mãos... E vai-se sem nos deixar recor-

Joaninha- Pensei em pedir a êle uma mechinha de cabelo. Mandava castoas e...

Inácia-Você tinha coragem de tosquiar o caoitadinho?

Joaninha- Não, ~~eu~~ não tinha coragem. Mesmo, nem cabelo êle tem... Foi só pensamento. Também me lembrei-Inácia- de uma coisa que podia ficar para mim, mas que não é dele, é traste da casa de Coronel Paulino...

Inácia- Se não é dele não me interessa. Que me importa a riqueza do Coronel Paulino?

Joaninha- Porém o Coronel não vai mais querer, porque já foi usado. E gente rica é sempre cheia de baldas e laudas. Pensei naquele...veja, tenho até acanhamento de lhe dizer... Não é dele, mas foi usado por êle... e porque foi usado por êle para mim é uma relíquia.

Inácia- Ora, fale, mulher.

Joaninha- Pois eu pensei em ficar com aquele vaso de louça que está lá debaixo da cama...

Inácia- O que? Ora, dona Joaninha, mas este pensamento já era o meu, de muito tempo!

Joaninha- Ah, dona Inácia...

Inácia- Tinha graça! Então eu lhe dou a honra de vir para cá como minha ajudante, e me quer a senhora carregar o vaso?

Joaninha- Quem tira êle três, quatro vêzes por dia?

Inácia- Não faz mais que sua obrigação.

Joaninha- É, com você as coisas delicadas...comigo é que ha de ser no pesado?

Inácia- Já vi que a senhora não é a alma piedosa que aparentava ser, mas uma interesseira. Quer o seu aluguel? não é?

Joaninha-(levantando-se) Não tenho o vaso na conta de aluguel, Deus me livre! Mas quem, senão eu, ia querer um traste usado? Ah, Inácia, êle é meu!

Inácia-(levantando-se)-É meu, já lhe disse. E vamos deixar de muita intimidade, de muita confiança.

Joaninha- Oxente, que negócio é este de confiança?(Poẽ-se de gatinhas, rumo à cama do Bispo).

Inácia- Uma Joana Capão...

Joaninha-(levantando-se)-Dona Inácia Ranheta, discuta se quizer, mas não me chame de Capão que isto eu não aguento. Se quizer me ver doida já, já, repita o nome do diogo desse nome

Inácia-(sentando-se) Ora, mulher não vá acordar o senhor Bispo (Joaninha, em desafio, poe as maos na cintura, respira fundo, dá alguns passos e volta a se por de gatinhas, rumo à cama. Inácia levanta-se e também se poe de gatinhas ao lado de Joana. Esta apressa o mandar e a outra segura-lhe a cintura)

Joaninha- Me largue, mulher.

Inácia- O vaso é meu.

Joaninha- É meu

Inácia- É meu, conheça o seu lugar.

Joaninha-Conheça o seu.

Inácia- Sua Capão

~~É meu~~ Joaninha- Capão é você, seu diabo.

Inácia- Fubana

Joaninha- Fubana é tu, jararaca velha

Inácia-(grita) Capão, Capão!

(As duas se agarram, mas Joaninha segura o urinol, apesar dos esforços de Inácia. O Bispo grita, abrindo o reposteiro da cama. Inácia e Joaninha saem atarracadas, pela porta da E)

Bispo- Socorro! Socorro!

(Ouve-se o barulho do urinol partido e logo depois o grito de Inácia)

42

dois seminaristas).

1º Sem.- O que foi? O que foi? Alguma lacraia?

2º Sem.- O Senhor Bispo foi mordido?

(O primeiro seminarista corre à mesinha, enche água um copo e leva-o ao Bispo)

1º Sem.- Beba, beba, Senhor Bispo!

2º Sem.- O que foimeu senhor Bispo? Aonde foi? Aonde foi?

1º Sem.- (gritando) Dona Inácia Ranheta! dona Joanhina Mourão, corram aqui!

2º Sem.- Onde estão as senhoras? As Senhoras?

Bispo -(depois de beber a água) Calma, meus meninos, calma... Foram justamente elas...

1º Sem.- Elas?

2º Sem.- O que foi? Um atentado? Socorro?

Bispo- Não gritem... Elas... saíram engalfinhados... com o vaso na mão...

1º Sem.- O vaso? Que vaso?

Bispo (apontando para baixo da cama)-O urinol...

1º Sem.- O vaso? Ah, o vaso?

2º Sem.- Gente, que diabo elas viram?

Bispo- Para mim iam virar tudo. A voz me faltou. Mal pude ver pela fresta da cortina... Lá elas se iam-...

2º Sem.- Gente mais estrompa!

Bispo-(sorrindo desajeitado) Dona Inácia... Dona Joanhina... venham cá...

(O Bispo sai à procura de ambas pela E. Os seminaristas riem)

Voz do Bispo-Ora, não foi nada, Venham. Venham se despedir de mim...

(O Bispo aparece trazendo as bandas do urinol partido)

Bispo- Minhas boas diocesanas... Se eu fosse o santo que me dizem ser, prestaria agora a vocês, a homenagem de um milagre porque lhes devoto um grande bem... Foram os dois anjos exaltados de minha cura (Inácia e Joanhina aparecem encabuladas. Inácia de veu na cabeça e Joanhina com o braço escondendo o rosto. O Bispo junta as bandas do vaso uma na outra, tornando-o aparentemente perfeito)

Bispo-(Com o urinol na mão) Vejam...

Inácia e Joanhina- (ajoelhando-se) Milagre! milagre!

Bispo- Não se exaltem, não se exaltem... Aqui está um objeto que não é nosso, porém propriedade do Coronel Paulino. Delouça, mas certamente não é porcelana de Sèvres. Se se tratasse de uma relíquia da guerra do Paraguai, se tivesse servido a algum barão do Império... Não creio nas duas hipóteses. A louça me diz não ter mais de vinte anos. Assim sendo não adianta levá-lo à Bahia para as mãos milagrosas de um "Ao Faz Tudo". Um vaso na sua função humilde apenas.

(Ouve-se a buzina de um carro. Vozes aclamam o Bispo)

Bispo-Levantem-se... (Inácia e Joanhina se levantam. O bispo separa as bandas do vaso)

Inácia e Joanhina - Oh! Ai!

Bispo- Aqui está sua parte, minha boa Inácia (Entrega uma banda do urinol a Inácia) e sua minha extremosa Joanhina (idem)

(Os seminaristas apanham as flores de Inácia e os rebuçados de Joanhina e se afastam)

Bispo-(aproximando-se do proscênio) Ah, sertão grande e cinzento... Vila de São Francisco do Icó. (O Bispo abençoa o seu povo. E ouve-se a voz de um cantador:

São Francisco de Icó
Ep terra de nossa inleição
hospedando o senhor Bispo

no trato tem dona Inácia
e tem Joanhina Mourao
Inácia mexendo o tacho



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0116, p-71

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 2208/70

PEÇA -:::/ O VASO SUSPIRADO /:::-

ORIGINAL DE FRANCISCO P. DA SILVA

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 13 de NOVEMBRO de 19 74

Brasília, 23 de JANEIRO de 19 70

**IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS**

Wilson de Aguiar
Chefe do S. C. D. P. PROF. WILSON DE AGUIAR

M. - D.P.F.
CERTIFICADO DO S.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0116, p. 70

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 69, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada :-:-/ O VASO SUSPIRADO /:-:-

Original de FRANCISCO P. DA SILVA

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de GRUPO VEREDA -R. ROSA E SILVA, 113-APTº 41-STº. CECÍLIA-SP.

Tendo sido censurada em 13 de JANEIRO de 19 70 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS.-

- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E A AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 23 de JANEIRO de 19 70


RUBENS GARIGAN PINTO

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

24-TCIC

23-01-70

Chefe do SCDP
Sr. Delegado Regional do DPF/SP
Providências (solicita)

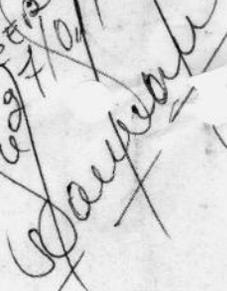
Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDF dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. assistir os ensaios gerais das peças " A QUE RE ", " O VASO SUSPIRADO ", " XADRES HUMANO ", " PRESÉPIO NA VITRINE " e " A MURALHA DA CHINA ";
2. enviar a este SCDP relatórios minuciosos a respeito dos espetáculos e,
3. entregar a documentação anexa (scripts e certificados) aos interessados com nomes e endereços constantes dos versos dos certificados, somente após a autorização desta Chefia, via rádio, tendo em vista o constante do item dois.

Atenciosamente,


PROF. WILSON A. DE AGUIAR
Chefe do SCDP.

RECEBIDO
Em 23/01/70


45

Arquivo

PROC.-	109
LIV.-	01
PAG.-	54
REG.-	1.725

MJ - DPF - DCDP	
ARQUIVO	
N.º PROTOCOLO:	40.109
PRACA:	BRASILIA DF.
JÁ LIBERADA:	sim
IMPROPRIÉDADE:	14
N.º CERTIFICADO:	1.725
TÉRMINO VALIDADE	1 / 19

O VASO SUSPIRADO.

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

Associação de Cultura Franco Brasileira
ALLIANCE FRANÇAISE

Brasília,

Av. W-4 - Quadra 708 - Lote A
Fone: 42-7500 - Cx. Postal 070801
70.000 - Brasília - DF

-2 JUL 09 09 74 40109

2
46

Ilmº Sr. Diretor da Divisão de Censura do Distrito Federal

S. A. DDDP
O G V H O I E

*Do Arquivo
de 1974
em 02.7.74*

A Associação de Cultura Franco-Brasileira "Alliance Française" de Brasília, vem mui respeitosamente encaminhar a V.S., em anexo, cópias de textos de 3 peças, abaixo relacionadas, requerendo aprovação das mesmas para apresentação pelo Grupo Teatro Molière da Associação Cultural Franco Brasileira - Alliance Française de Natal - Rio Grande do Norte:

- Piquenique no Front de Fernando Arrabal ?
- O médico Volante de Molière ?
- O Vaso suspirado de Francisco Pereira da Silva

Nestes termos,

P. Deferimento.

Brasília, 28 de junho de 1974.

p.o.
Bloudo

Bernard SICOT

Diretor dos Cursos

Ilmº Sr.

Dr. Rogério Nunes

D.D. Diretor da Divisão de Censura do D.F.

Ed. BNDE - 4º andar - Brasília - D.F.

SERVIÇO DE DEFESA DO DIREITO AUTORAL

Bureau de Cobrança

Rua Visconde de Inhaúma, 107 — Rio de Janeiro

PELA SBAT

NÃO VALE COMO RECIBO

AUTORIZAÇÃO

N.º 841142

USUÁRIO O VASO SUSPIRADO.LOCAL Autor: Francisco Pereira da Silva.DIA(S) Para Ser Censurada. DAS X-X-X HORAS.TIPO DA FUNÇÃO PEÇA TEATRAL PARA SER CENSURADA.CORRESPONDENTE AO RECIBO N.º X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

AUTORIZAMOS O USO DO REPERTÓRIO MUSICAL DO S. D. D. A. E O DA

NAS CONDIÇÕES EXPRESSAS ACIMA.

Brasília, DF, 05, 07, 74. A) R. Moisés.

DIREITOS AUTORAIS

Const. Fed. Art. 150 §. 25

Cód. Civil - Arts. 649 e §§

Dec. n.º 4790 de 2-1-1924

Dec. n.º 5492 de 16-7-1928

Dec. n.º 1023 de 17-5-1962

DIREITOS CONEXOS

Lei n.º 4944 de 6-4-1966

Dec. n.º 61.123 de 1-8-1967

TEATRO

48 / 4

TÍTULO O VASO SUSPIRADO.

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ordem

Clas. Anterior 14

Praça BRASILIA - DF.

Obs.: _____

DF. 9 / 9 / 74

[Signature]
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

[Handwritten wavy line]

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. *Conforme parecer Nº*

*17589/74, Op. 110:
I - A Sec. Exp. para emitir os
certificados com improprie-
dade 14 anos, luz art. 14 -
condicionando todos os
exames de ensino final.
II - A consideração do senhor
Chefe do S.C.*

*Em 26/07/74
Manoel J. J. S.
Chefe do S.C.T.C.*

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer

Em 29/7/74

[Signature]
Wilson de Queiroz Garcia
Chefe do S.C.



49

5/56

PARECER Nº 17589 / 74

TÍTULO: " O VASO SUSPIRADO", de Francisco Pereira da Silva

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: QUATORZE ANOS

Confrontando os textos da peça teatral acima citada, verifiquei que ambos mantem os mesmos dizeres, em nada divergindo.

Conforme o tema apresentado, explorando a simplicidade e ignorância do pessoal do interior do Brasil em torno de passagens com autoridades do clero, como bispo, da Igreja Católica, tão respeitada e seguida pelo citado pessoal, transformando a peça num descaso e ultraje aos princípios da maioria de nossa população, opino pela manutenção da impropriedade, conforme certificado ainda em vigor, ou seja, liberada para maiores de QUATORZE ANOS.

Brasília, 23 de julho de 1974.

L. Fernando
L. Fernando

Técnico de Censura

50

594/74-ECTC/SC-DCDP

29.07

4

Diretor da Divisão de Polícia Federal no Rio G. do Norte

O VASO SUSPIRADO

FERNANDO PEREIRA DA SILVA

Director:

em Natal

MFCG/aga

52

PROC.-	109
LIV.-	01
PAG.-	54
REG.-	1725

MJ - DPF - DCDP	
ARQUIVO	
N.º PROTOCOLO:	46508
PRACA:	Brasília - DF
JÁ LIBERADA:	sim
IMPROPRIEDADE:	14
N.º CERTIFICADO:	1725
TERMINO VALIDADE	___/___/___

O caso suspirado

Francisco Pereira da Silva

Vale



MJ-DPF-SRA/BSB

14 AGO 1421 046508 Brasília, 12 de agosto de 1975

RECEBIDO POR: 

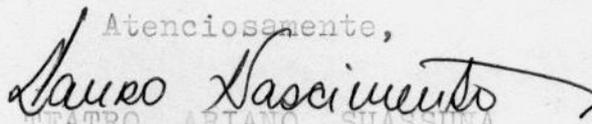
Senhor Diretor

Vimos pelo presente solicitar de V.Sª. a censura do texto "O VASO SUSPIRADO" de Francisco Pereira da Silva, bem como dos anexos que o acompanham, a fim de que possa ser encenado pelo Teatro Ariano Suassuna através da Fundação Cultural do Distrito Federal e Federação Nacional de Teatro Amador.

Oportunamente marcaremos a data para ensaio geral.

Esperando continuar merecendo a boa atenção de V.Sª., somos,

Atenciosamente,


 TEATRO ARIANO SUASSUNA
 PRESIDENTE

Ilmo. Sr.

Diretor da

Divisão de Censura de Diversões Públicas do
 Departamento de Polícia Federal

NESTA

55

TÍTULO O Vaso Sempiterno

1) S. ARQUIVO

Documentação em ordem

Clas. Anterior 44

Praça Brasília - DF

Obs.: _____

DF. 15 / 08 / 75

[Signature]
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. *A Seção de Expedientes para emitir certificado com a chancela de libre, sem corte, conforme sugere o parecer nº 7179-75. Toda via, condicionado ao exame do ensaio geral.*
2 - A consideração do Sr. Chefe do S.C.

Em 25-08-75

[Signature]
Floraldo de Carvalho Queiróz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres/SQ

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer

Em, 24 / 08 / 1975

[Signature]
Rogério Nunes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0116, p. 84

56

PARECER Nº 7/75 175

TÍTULO: "O VASO SUSPIRADO" (Francisco Pereira da Silva)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

Feito o confronto entre os textos, observei absoluta identidade entre os mesmos. Quanto ao texto atual e os quatro anexos que o acompanham - letras musicais - são isentos de comprometimentos de qualquer ordem, razão pela qual, sugiro a sua liberação com a classificação etária LIVRE, condicionados ao ensaio geral.

Brasília, 25 de agosto de 1975

Maria Helena Medeiros
MARIA HELENA MEDEIROS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0116,p.85

Repb. o
Certificado
Auro V. Nascimento
Maeira, 18/09/75

1.725/75

• O VASO SUSPIRADO

• FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

26 AGOSTO

80

26 AGL 75

75

Rogério Nunes

ROGÉRIO NUNES

LIVRE

Handwritten notes:
- 27/08/75
- 28/08/75
- 29/08/75
- 30/08/75
- 31/08/75
- 01/09/75
- 02/09/75
- 03/09/75
- 04/09/75
- 05/09/75
- 06/09/75
- 07/09/75
- 08/09/75
- 09/09/75
- 10/09/75
- 11/09/75
- 12/09/75
- 13/09/75
- 14/09/75
- 15/09/75
- 16/09/75
- 17/09/75
- 18/09/75
- 19/09/75
- 20/09/75
- 21/09/75
- 22/09/75
- 23/09/75
- 24/09/75
- 25/09/75
- 26/09/75
- 27/09/75
- 28/09/75
- 29/09/75
- 30/09/75
- 01/10/75
- 02/10/75
- 03/10/75
- 04/10/75
- 05/10/75
- 06/10/75
- 07/10/75
- 08/10/75
- 09/10/75
- 10/10/75
- 11/10/75
- 12/10/75
- 13/10/75
- 14/10/75
- 15/10/75
- 16/10/75
- 17/10/75
- 18/10/75
- 19/10/75
- 20/10/75
- 21/10/75
- 22/10/75
- 23/10/75
- 24/10/75
- 25/10/75
- 26/10/75
- 27/10/75
- 28/10/75
- 29/10/75
- 30/10/75
- 31/10/75
- 01/11/75
- 02/11/75
- 03/11/75
- 04/11/75
- 05/11/75
- 06/11/75
- 07/11/75
- 08/11/75
- 09/11/75
- 10/11/75
- 11/11/75
- 12/11/75
- 13/11/75
- 14/11/75
- 15/11/75
- 16/11/75
- 17/11/75
- 18/11/75
- 19/11/75
- 20/11/75
- 21/11/75
- 22/11/75
- 23/11/75
- 24/11/75
- 25/11/75
- 26/11/75
- 27/11/75
- 28/11/75
- 29/11/75
- 30/11/75
- 01/12/75
- 02/12/75
- 03/12/75
- 04/12/75
- 05/12/75
- 06/12/75
- 07/12/75
- 08/12/75
- 09/12/75
- 10/12/75
- 11/12/75
- 12/12/75
- 13/12/75
- 14/12/75
- 15/12/75
- 16/12/75
- 17/12/75
- 18/12/75
- 19/12/75
- 20/12/75
- 21/12/75
- 22/12/75
- 23/12/75
- 24/12/75
- 25/12/75
- 26/12/75
- 27/12/75
- 28/12/75
- 29/12/75
- 30/12/75
- 31/12/75

• O VASO SUSPIRADO

• FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

TEATRO ARIANO SUASSUNA - FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL

LAURO NASCIMENTO

25 AGOSTO

75

L. P. R. E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRE-

SENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DE
VIDAMENTE CARIMBADO PELA DCCP.

26

AGOSTO

75

Handwritten signature

CORICLAND DE LOIOLA C. FAGUNDE

Handwritten initials

Natal

MJ-DPF-SRA/BSB

Brasília, 12 de ~~16~~ ¹⁶ ~~14~~ ¹⁴ de 1975 053724

RECEBIDO POR *[Signature]*

Senhor Diretor
ao Sr. P.
por id.
em 17/9/75

ROGERIO NUNES
Diretor de DCDP

Vimos pelo presente solicitar de V.Sª. seja marcado o ensaio geral da peça "O VASO SUSPIRADO" de Francisco Pereira da Silva a fim de que a mesma possa ser encenada durante a I MOSTRA FENATA de Teatro Amador.

Sugerimos que o referido ensaio se realize no dia 18 do corrente (quinta feira) às 16:00 horas, no Teatro Galpão.

Agradecendo a atenção de V.Sª., somos,

FICHADO
S. A. DCDP

Atenciosamente,

Luís Narciso
TEATRO ARIANO SUASSUNA
PRESIDENTE

Ilmo. Sr.
Diretor de Censura de Diversões Públicas do
Departamento de Polícia Federal
NESTA

A SCTC,
para a escolar
censores, a fe-
den do ao in te
resse do serviço.

Em 17/9/75

Catão de
Coriolano de Louela Cabral Fagundes
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.



PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: " UM VASO SUSPIRADO "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: EN
ENSAIO GERAL.

Estive presente na tarde de ontem, 18/09/75 no Teatro Galpão a fim de assistir ao ensaio geral da peça teatral - UM VASO SUSPIRADO - encenado pelo grupo " ARIANO SUASSUNA ".

Uma vez que não foi cumprida a determinação contida no Decreto 20.493, art. 50 (parte final) solicito novo ensaio geral a fim de emitir o relatório. Considere-se ainda a natureza temática e o modo primário em que foi levada a efeito a encenação, provocando dificuldades a uma opinião precisa.

Brasília, 19 de setembro de 1975.

Valmira Nogueira de Oliveira,

(Téc. Cens.)

A consideração do
Senhor chefe de se. face
ao conteúdo do presente re-
latório.

Em 190975

Manoel Francisco

Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe da Seção de Censura de
Teatro e Congêneres / SC

Mem:012/75 - SC/DCDP

19 de setembro de 1.975

: Diretor da Divisão Censura de Diversões Públicas - DPF

: Presidente do Teatro Ariano Suassuna

: Marcação de encenação (advertente)

Senhor Presidente,

Pelo presente venho comunicar a V.S. a alteração a seguir descrita, imposta à peça " UM VASO SUSPIRADO ", de Francisco Pereira da Silva, após o ensaio geral efetuado em 18/09/1.975.

A cena final em que o bispo ergue o vaso sanitário não poderá ser feita com qualquer analogia com a elevação da eucaristia, do ritual católico, em observância ao que dispõe o inciso § , art.41 do Decreto nº 20493, de 24/01/46.

Atenciosamente

LN
ROGÉRIO NUNES

Diretor DCDP

Mem:012/75 - SC/DCDP

19 de setembro de 1.975

: Diretor da Divisão Censura de Diversões Públicas - DPF

: Presidente do Teatro Ariano Suassuna

: Marcação de encenação (advertente)

Senhor Presidente,

Pelo presente venho comunicar a V.S. a alteração a seguir descrita, imposta a peça "UM VASO SUSPIRADO", de Francisco Passera da Silva, após o ensaio geral efetuado em 18/09/1.975.

A cena final em que o bispo ergue o vaso sanitário não poderá ser feita com qualquer analogia com a elevação da eucaristia, do ritual católico, em observância ao que dispõe o inciso § , art.41 do Decreto nº 20493, de 24/01/46.

Atenciosamente

LN
ROGÉRIO NUNES

Diretor DCDP

A SIFC,
para funtur
ao processo res-
pectivo.

Em 22/9/75
LN

*recebi o original
Bianchia 20/09/75
Ariano V. Nascimento*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0116.p.91

1.725/74

O VASO SUSPIRADO

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

26

JULHO

79

26

JULHO

74

PROIBIDO PARA
MENORES DE
QUATORZE ANOS

ROGÉRIO NUNES

51

O VASO SUSPIRADO

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

ASSOCIAÇÃO DE CULTURA FRANCO-BRASILEIRA ALLIANCE FRANÇAISE - DF.
BERNARD SICOT

23 JULHO

74

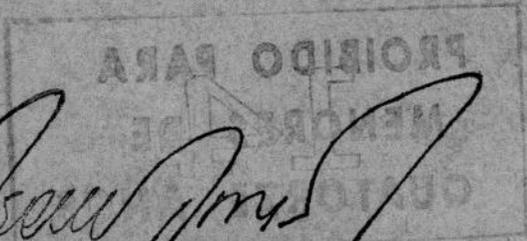
PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS, CONDICIONADA
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCOP.

26

mlon

JULHO

74



WILSON DE QUEIROZ GARCIA

① VASO SUSPIRADO

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
SUB-REITORIA COMUNITÁRIA

Of. nº 319 / 78

Vitória, 29 de junho de 1978.

Senhor Diretor,

Animados pela receptividade das nossas promoções teatrais dos dois últimos anos, e que foram possíveis graças ao inequívoco apoio que recebemos de V.Sa., programamos a III Mostra de Teatro que, mercê de Deus, pretendemos realizar em outubro próximo.

Assim pensando, ainda uma vez necessitamos da sua ajuda e do seu alto espírito de cooperação, de todo indispensáveis para nós. Tal como das outras vezes, a III Mostra de Teatro, sob a nossa orientação e supervisão, terá os seus elencos compostos de estudantes desta Universidade, selecionados entre si nas unidades de ensino.

As peças inscritas, em número de 16 (dezesesseis), abaixo relacionadas, são da livre escolha dos grupos. E para que sejam apreciadas e liberadas, as submetemos à douta consideração de V.Sa., certos de sua prestimosa atenção.

1. Bumba Meu Bucho, criação coletiva do Grupo "Fantasias de Açúcar"
2. Incidente Em Antares, de Erico Veríssimo - adaptação Cosmo A. Campanha
3. A Multidão, de Ivan Kraus
4. Antologia de Uma Geração, ou Faça o Mundo Feliz: Mate-se, de Oscar de Almeida Gama Filho
5. O Princípio de Arquimedes, de Guilherme Figueiredo
6. Se Correr o Bicho Pega, Se Ficar o Bicho Come, de Oduvaldo Viana Filho e Ferreira Gullar
7. A Morta, de Oswald de Andrade
8. Brefaias, de Aglaé Fontes de Alencar



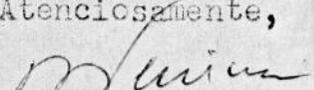
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

. 2 .

- X
9. O Vaso Suspirado, de Francisco Pereira da Silva
 10. A Pena e a Lei, de Ariano Suassuna
 11. Dr. Fausto da Silva, de Paulo Pontes
 12. Se Chovesse Vocês Estragavam Todos, de Clovis Levi e Tania Pacheco
 13. Eles Não Usam Black-Tie, de Gianfrancesco Guarnieri
 14. Muro de Arrimo, de Carlos Queiroz Teles
 15. Morre Um Gato Na China, de Pedro Bloch
 16. Além do Rio, de Agostin Clavo.

Antecipadamente gratos, valemo-nos do ensejo para reiterar a V.Sa. os nossos protestos de estima e alta consideração.

Atenciosamente,


 ROMULO AUGUSTO PENINA

Sub-Reitor

Ilmo.Sr.
 Dr. Rogério Nunes
 DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas do
 Departamento de Polícia Federal
 BRASÍLIA - DF

TEATRO

TÍTULO O VASO SUSPIRADO1) AtaqueClas. Anterior 14 anosPraça VITÓRIA - ESObs.: O INTERESSADO VIRA APANHADO
O CERTIFICADODF. 101 07 1 781Geraldo A. M.
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIORClassificação: 14 anossem cortesBrasília DF, 27/07/78Carlos A. Molinari de Carvalho
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados,
com a classificação: impróprio para menores
de quatorze anos, sem cortes e
com os dados constantes do requerimento de
certif., condicionada ao exame
do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 26 de julho de 1978Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília - DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.



PARECER Nº 2439 / 78

TÍTULO: 2 O VASO SUSPIRADO " - AUTORIA: FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (QUATORZE) ANOS

TEXTO PARA TEATRO - CONFRONTO

Trata-se de texto já examinado em várias ocasiões, apresentando fidelidade em relação ao original. Ao mesmo, será recomendada liberação com a impropriedade que consta no último certificado liberatório: impróprio para menores de 14 anos.

Brasília, 24 de julho de 1978


Ivelice G. de Andrade

Falta o ofício
de encaminhamento

30.8.78



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0116.p.99

RECEBI OS DOCUMENTOS REFERENTES AO PRO-
TOCOLO SRA/BSB N.º
EM, 23 DE Agosto DE 1978
Queres Monteiro

1725/78

: O VASO SUSPIRADO

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
14
QUATORZE ANOS

27 JULHO

83

27 JULHO

78

Rogério Nunes

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0116.p-100
R DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

RECEBI OS DOCUMENTOS REFERENTES AO PRO-
 TOCOLO SRAVBSB N.º
 EM 23 DE Julho DE 1978
[Signature]

: O VASO SUSPIRADO

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

ROMULO A GUSTO PENINA - ES

26 JULHO

78

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. CONDICIONA-
 AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
 QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

27 JULHO 78

[Signature]
 CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

PROC.-	109
LIV.-	01
PAG.-	54
REG.-	

O VASO SUSPIRADO

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA



12 JUL 00 12 005386

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Of. nº 06/79-TONUS

Natal, 04 de julho de 1979

Do Diretor Artístico do Teatro Novo Universitário TONUS
Ao Exmo. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASÍLIA - DF*Ào Sr. Chefe do Ser. Cens.
Para as providências requi-
ridas.*

E4 28.7.79

Jose Vieira Madeira
JOSE VIEIRA MADEIRA
MAT. 2.095.858

Prezado Senhor:

O Teatro Novo Universitário-Tonus, desta Uni-
versidade está ensaiando, para lançamento de mês em curso, as
peças teatrais "Antonio, Meu Santo" e "Maria Nocautê" de João
Augusto, "O Vaso Suspirado" de Francisco Pereira da Silva, e "A
Figura de Gente" de José Carlos Cavalcante Borges, com adoção
dos textos anexos, que submeto à apreciação desse serviço.

A apresentação das mencionadas peças teatrais
ocorrerá durante o Festival de Inverno de Campina Grande, de 21
a 23 do corrente mês, como ainda dentro do Campus Universitário
desta Universidade.

Solicito, pois, que, feita a conveniente aná-
lise, seja expedida a autorização exigida, nos termos da legis-
lação em vigor.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Exce-
lência os meus protestos de estima e consideração.

Carlos Roberto da Silva Furtado Balduino
Carlos Roberto da Silva Furtado Balduino

Diretor Artístico

O VASO SUSPIRADO

PEÇA EM 1 ATO

Esta peça teve sua estréia em setembro de 1963, no Teatro Jovem, com direção de Cleber Santos, cenário de Anísio Medeiros e o seguinte elenco: Virginia Valli, Dirce Migliaccio, João das Neves, João Damasceno e Tarcísio Gurgel. Valeu ao autor o prêmio de melhor peça brasileira do Círculo Independente de Críticos Teatrais.

A parte do cantador coube a Fernando Léléis.

SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
RIO DE JANEIRO — 1973

VI

PERSONAGENS

INÁCIA RANHETA, *alta, magra, 50 anos*
 JOANINHA MOURÃO, *baixa, gorda, 50 anos*
 O BISPO, *80 anos e extremamente frágil*
 1º SEMINARISTA — *18 anos*
 2º SEMINARISTA — *18 anos*

Se hoje o teatro brasileiro se inclui entre os expoentes dessa manifestação de arte no panorama internacional, esse aprimoramento não constitui uma conquista do presente porque é, na realidade, efeito originário de uma causa benéfica que vem de longe, do alvorecer da nossa história porquanto, através de paleos ao ar livre ou construídos em cabanas, foi que Anchieta transmitiu as mensagens do Cristianismo e da Civilização aos silvícolas que povoavam nosso solo e cujas leis se resumiam nos impulsos da natureza e do instinto.

Posteriormente o teatro passou a ser usado como instrumento de maior profundidade, constituindo-se em elemento de pujança na formação intelectual e moral do nosso povo, glorificando os valores humanos ao mesmo tempo que anulava as falsas e imerecidas auréolas.

O exemplo do jovem apóstolo do Cristianismo, germinando no espírito dos mais autênticos representantes da cultura brasileira, tornou numerosa a constelação de escritores e poetas que deram ao teatro a contribuição do talento literário que os projetou na história.

Os problemas sociais, os costumes, a tradição de cada povo, eram retratados no paleo com critério e consciência, dando-se ênfase aos vultos cujas vidas foram inteiramente consagradas ao desenvolvimento da ciência e das artes, sob todos os aspectos.

Autores do mais alto porte colocavam o talento a serviço das boas causas, e engrandecendo a Pátria, engrandeciam-se a si mesmos. Em todos os sentidos o teatro evoluiu, sobretudo tecnicamente, mas

VIII

dentro dele permanecem, vivas e palpitantes, as concepções imprecívveis dessas glórias do passado.

O SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO, na evocação dessas figuras inesquecíveis, tomou a iniciativa de propiciar, às gerações do presente, a oportunidade de um íntimo contato com o pensamento e as obras desses vultos imortais, num retrospecto evolutivo que se estende aos nossos dias, entrelaçando-os ao espírito criador dos autores contemporâneos que dão ao nosso teatro a dimensão cultural e artística de que nos orgulhamos. E, através do SETOR DE DIFUSÃO CULTURAL, responsável pela execução de seus editoriais, apresenta a terceira série de uma seqüência de publicações sob a epígrafe: "COLEÇÃO DRAMATURGIA BRASILEIRA".

Entretanto, para que essa aspiração do SNT se tornasse realidade, os Diretores da SHELL, numa demonstração de apreço às promoções culturais do nosso país, não relutaram em participar da iniciativa, assumindo, a responsabilidade do seu patrocínio.

Não poderíamos fugir ao dever desse registro que põe em relevo a simpatia da SHELL pelos valores históricos que integram a "COLEÇÃO DRAMATURGIA BRASILEIRA", destinada ao enriquecimento das bibliotecas nacionais e internacionais, atestados eloqüentes do aprimoramento cultural do nosso povo, da nossa gente.

FELINTO RODRIGUES NETO

CENÁRIO:

Sala de casa paroquial; ao fundo uma cama com dossel e cortinas em volta, vendo-se também, debaixo dela, um urinol de louça; uma mesinha servindo de aparador; nas paredes um ou dois quadros de santo; portas laterais. Sentadas em cadeiras belle époque, quase no proscênio (o proscênio deve sugerir uma varanda de segundo andar), estão Inácia Ranheta e Joaninha Mourão. Joaninha embrulha rebuçados em papel-de-seda frisado; Inácia retoca um ramo de cravos de papel crepom. Ao levantar da cortina ouve-se o arremate de um desafio entre dois cantadores:

1ª Voz — "Já fiz estrela correr
já fiz o sol esfriar
já segurei uma onça
para um moleque mamar."

2ª Voz — "Passarim, se eu te bato
tenho pena de você,
cai o corpo pruma banda
e a cabeça — pode crer —
passa das nuvens pra cima
só volta quando chover."

INÁCIA — Raça desconforme a destes cantadores... Só se calam mesmo quando a gente manda um positivo dizer. Lá embaixo, que eles estão incomodando o sossego dos justos. Deus me dê paciência, senhora dona Joaninha.

JOANINHA — Não vê, dona Inácia Ranheta, que eles estão cantando — assim como se diz lá na linguagem deles — para louvar o Senhor Bispo, que vai-se embora (*levantando-se e olhando para baixo*). Veja como a rua já está fervilhando de gente que quer ver a saída do nosso Santo.

INÁCIA — A maioria, lhe garanto, é de fuxiquentos. E depois, a louvação destes cantadores chega a dar agonia na gente. Um diz que já fez o sol esfriar, e isto não é coisa que se diga, não senhora dona Joaquina, isto é heresia, e das grandes.

JOANINHA — Se os coitados não aprenderam as rezas... Ah, minha boa dona Inácia Ranheta, sorte foi a nossa, que estamos aqui há quinze dias, servindo o Senhor Bispo. Quantas quiseram estar, nesta hora, no nosso lugar?

INÁCIA — Foi uma graça, dona Joaquina Mourão. Mas, lhe pergunto — quem o senhor vigário iria encontrar aqui de mais competência do que eu?

JOANINHA — Nós, senhora dona Inácia Ranheta.

INÁCIA — A senhora dona Joaquina tem sido um braço forte na cozinha, na lavagem dos pratos e da roupa branca do santo visitante, porém, na direção dos serviços da casa, na preparação dos sonhos e de outros manjares de fino paladar, quem, senão a cabeça e as mãos de dona Inácia?

JOANINHA — Não se pabule, que a pabulagem leva as lamas ao fogo eterno...

INÁCIA — Minha boa Joaquina, não estou me pabulando, estou dizendo uma verdade, e a amiga não deve se sentir diminuída pela humildade de seus préstimos aqui na casa. Não, senhora dona Joaquina, uma alma verdadeiramente piedosa não deve se envergonhar por lavar os pratos de um leproso, inda mais que não se trata de um leproso, mas do nosso Senhor Bispo!

JOANINHA — Uma graça... (*suspira*). — Dona Inácia Ranheta, me perdoe pela ponta de inveja, de raiva mesmo, que senti quando vi a senhora dando o ponto no doce, quando eu, que tive o trabalho de mexer o tacho a tarde toda... Me perdoe o desespero quando vi a senhora toda não-me-toques fazendo os sonhos de que tanto gosta o nosso doentinho, enquanto a mim tocava a lavagem das gamelas... (*Chora*)

INÁCIA — Oh, dona Joaquina Mourão, então a senhora teve raiva de sua amiga? Ainda bem que está arrependida e me relata o caso. Eu nunca lhe quis humilhar, mulher... Se a senhora fosse dar o ponto nos sonhos estragaria os sonhos — perderíamos ovos, manteiga e farinha de trigo — pois dona Joaquina mesma me confessou não saber fazer sonhos.

JOANINHA — Saber eu sabia, mas...

INÁCIA — Pensei até em dividir a tarefa com a senhora, que eu não desejo o céu só para mim, porém, dona Joaquina, tudo já vem escrito desde que o mundo é mundo: umas para o forno, outras para o fogão e todas para a salvação (*Joaquina chora alto*). Mas por que o diabo deste choro, criatura? Que desadorno é este? Olhe que a senhora perturba o sossego do nosso paizinho... (*Levanta-se, vai até a porta da E, volta em pontas de pé*). Ele ainda está deitado na rede, tomando o seu banhozinho de sol...

JOANINHA (*assozendo o nariz*) — Deus que me perdoe, mas tenho que isso só pode fazer é mal. Um santo fraquinho daquele tomando nos peitos este solão de rachar.

INÁCIA — Mas é sol da manhã, dona Joaquina. E depois a receita não é minha, é do Dr. Batista.

JOANINHA — Ora, o Batistinha... um toco que eu vi nascer... Hum-hum, e o nosso paizinho a seguir o que diz o menino.

INÁCIA — Se viu o Batistinha nascer, não é vantagem, que eu também vi. E de lá pra cá, senhora, conte vinte e cinco anos. Batistinha estudou na Bahia e já é até pai de família.

JOANINHA — Mas eu não faço fé em conselho de gente que eu vi nascer.

INÁCIA — Para lhe ser franca, eu também não vou lá muito com as recomendações do nosso doutor. Sou até hoje o que sou porque nunca andei tomando sol e sereno. Não fosse um reumatismo que me ferroa aqui na ponta do cotovelo...

JOANINHA — Pois o santo remédio é banha de cascavel!

INÁCIA — Ora, dona Joaquina, não me venha ensinar padrenosso. E depois, não é no meu reumatismo nem na ciência do doutor que devemos pensar, mas na despedida daqui logo mais, do nosso paizinho. (*Joaquina chora*) Chore, criatura, chore e chore muito, alivie o seu peito, que não teremos tão cedo a sorte de tratar de um Bispo. Ele agora que está bom, vai deixar — e meu coração só me diz que para sempre — esta vila de São Francisco do Icó... (*Limpa uma lágrima*).

JOANINHA — Chego até a pensar que foi uma graça de Deus a doença de Dom Nonato. Onde algum dia eu pensei em lavar as roupinhas de um santo?

INÁCIA — Mas lembre-se que está aqui por chamado meu. Tive carta branca do vigário para escolher as minhas auxiliares.

JOANINHA — É, mas eu também até lembrei ao Padre José o seu nome.

INÁCIA — O meu nome? E precisava, dona Joaquina Mourão? e precisava? Quem neste Icó — sem querer me gabar — seria capaz de arcar com Bispo? A mulher do coronel Paulino? aquele bando de sirigaitas lá do coro? Precisava lembrar o meu nome? Quem sabe receber nesta terra? quem entende aqui de pratos delicados?

JOANINHA — Coitadinho do Santo... pegou uma disenteria...

INÁCIA — Porém, culpe não a terra, que é abençoada, mas os importantes desta terra, que são uns acavalados. Atocharam comida gorda e bruta no velhinho, que foi um horror. O Senhor Bispo gosta de carne assada com pirão de leite? Pois haja carne assada e pirão de leite pra cima do pobre. Gosta de panelada, gosta de sarapatel? e mais coalhada e mais requeijão? Credo, aí está no que deu. Quase matam o Santo. Justiça se faça ao Dr. Batista, que me chamou logo para tratar do nosso Pastor. E de ordem dele — com todo o meu apoio — aqui ninguém mais entrou com comidinhas. Inácia Ranheta não gosta de se gabar, não, mas aí está o Bispo, curado.

JOANINHA — Curado, pode dizer. E agora vai-se embora um Santinho que casou tanta gente que vivia por aí, aos magotes, em mancebia, que batizou menino taludo, que crismou homem de barba já cerrada, e que despotismo de milagre andou obrando...

INÁCIA — Não vê a quantidade de pedidos que ele recebe por dia? São queixumes de todos estes arredores.

JOANINHA — Eu mesma sou testemunha de duas curas, senhora dona Inácia Ranheta. Uma, no menino de Josefa Coati, que dava como que uns ataques e foi só ele lá chegar, foi como água no brasileiro, chiou e serenou. Pois ainda ontem, à boquinha da noite, eu não vi o diabo do moleque comendo uma talhada de melancia? Sãozinho como Deus quer as almas. A outra foi o caso da mão de seu Antenor...

INÁCIA — Chiu... *(ouvem-se passos)* É ele...

(Aparece o Bispo. Inácia e Joaquina correm a segurá-lo, e o ajudam a sentar-se numa cadeira de balanço).

BISPO — Obrigado, obrigado... Os seminaristas já chegaram?

INÁCIA — Já estiveram aqui, com o Padre José e o senhor Vigário de Vila Formosa, mas como o nosso paizinho estava repou-sando, eles aproveitaram para a arrumação das bagagens, lá embaixo.

BISPO — Muito bem, muito bem. Então, dentro de uma hora o seu velho Pastor estará dizendo adeus a São Francisco do Icó... Agradecendo de todo coração — e Deus os recompensará — o tratamento carinhoso que me dispensaram. *(Inácia e Joaquina choram)* Por que choram, minhas ovelhinhas? Nunca me esquecerei do desvelo com que me trataram, das sopinhas que me estimularam o apetite, feitas por dona Inácia Ranheta — tão leves e tão delicadas, e que nenhum mal fariam ao estômago do mais sensível querubim... E como esquecer as mãos carinhosas de dona Joaquina Mourão, que transformaram os meus trapos velhos, encardidos, em linho alvo como o lírio? *(Joaquina chora; Inácia vai apanhar a correspondência que está sobre a mesa e a entrega ao Bispo)* Não chore, dona Joaquina, antes se alegre e agradeçamos a Deus a minha cura.

JOANINHA — Mas é que o nosso Santinho nunca mais voltará a Icó...

BISPO — Eu, santinho? *(Sorri)*. Santinho aqui é São Francisco e este não abandonará nunca o povo bom desta vila.

JOANINHA — Mas o senhor é também um santinho. Então eu não ví curado o menino de Josefa Coati?

INÁCIA — Dona Joaquina está com a razão. O senhor, nosso paizinho, é um Santo.

BISPO — Oh, minhas boas diocesanias, não digam semelhante coisa. Eu nunca fiz e nem desejo, na vida, fazer milagres.

JOANINHA — Ah, não negue, não negue. Diga só para nós, diga...

BISPO — Aspirar à santidade é dever de todo cristão, mas longe estou de semelhante graça — pobre e imperfeito mortal que sou.

JOANINHA *(tapando os ouvidos)* — Que horror, meu paizinho! E eu? E nós, dona Inácia Ranheta? Nós, onde estamos?

INÁCIA — Pois quer ver a fama de sua santidade? *(Tirando uma carta que traz à cintura)*. Esta carta me escreveu uma amiga da Chapadinha. Ela esteve aqui, durante as Missões — é a Celeste

Borges, dona Joaquina — pois bem, ela manda me perguntar se eu me lembro onde ela engomou aquele seu vestido branco, se foi na sala ou se foi no quarto, aqui ao lado. Porque, se foi nesta sala, onde agora está dormindo o nosso paizinho, o vestido continuará no baú, branco e engomadinho, até o dia de sua morte, quando lhe servirá de mortalha. Que aquele vestido vai-se tornar para ela uma relíquia.

JOANINHA — Pois foi nesta sala, me lembro como se fosse hoje.

BISPO — Pois não foi nesta sala, não. Mande dizer à moça que ela deixe de ser boba, que vista o vestido dela nos passeios, que deixe de abusão, de doidice. Ora que isso até me dá raiva...

JOANINHA — Virgem, meu senhor Dom Nonato! Deixe de brincadeiras que eu sei que meu paizinho não guarda raiva de ninguém.

INÁCIA — Todo mundo daqui destas bandas tem o Senhor Bispo na conta de Santo. E é verdade. Eu e dona Joaquina Mourão somos testemunhas, podemos jurar...

BISPO — Jurariam em vão, o que é um pecado. E eu não consentirei que se diga tamanha tolice. Fiquem vocês sabendo que sou apenas um pastor de almas, mais esclarecido que vocês, mas por isso mesmo, mais sujeito às tentações e à perdição. Procuo, como vocês, a santidade, mas longe estou de alcançá-la.

JOANINHA — Virgem Maria, meu paizinho delira!

INÁCIA (*gritando*) — Dom Nonato! Dom Nonato!

BISPO — Que se afaste de mim mais esta tentação do Maldito. Sou um homem de carne e osso, imperfeito, mortal imperfeito que procura separar o Bem do Mal. Estou chegando ao fim e minha luta não tem sido fácil. A infecção intestinal, que me ia levando, não foi uma prova da minha intemperança. Não resisti aos queijos do sertão e à sua carne seca de sol... Ah, o úbere de uma novilha gorda... (*sorri desalentado*) — Agora me vem mais esta provação. Não sou santo. Não faço milagres. Nunca fiz milagres.

INÁCIA — De que vamos viver então? Não nos diga isso, Dom Nonato...

JOANINHA — Nós não temos nada. E agora até os Santos já se põem a tirar o corpo de banda.

BISPO (*sorrindo*) — O corpo de banda... Sei que é difícil pregar o amor àqueles que têm fome e sede de justiça. Não quero,

porém, confundir os meus irmãos com falsas aparências. Não se trata de abandono, senhora dona Joaquina, mas sou e serei sempre contra os exploradores de milagres (*levantando-se*). — Esta, a lembrança que lhes deixo.

(*Inácia e Joaquina levam o Bispo para a cama*).

BISPO — Vou repousar um pouco até a hora da partida.

(*O Bispo deita-se. Inácia e Joaquina baixam a cortina da cama. Voltam chorosas a sentar-se nos seus lugares*).

JOANINHA (*assoando o nariz*) — Coitadinho, tanta bondade...

INÁCIA — Tamanha humildade nunca se viu... Nem São Geraldo Magela!

JOANINHA — E ele se vai, e dele não nos vai ficar nenhuma lembrancinha.

INÁCIA — É verdade.

JOANINHA — Se ao menos estes rebuçados fossem presente dele para mim, e não de mim para ele... Garanto-lhe, dona Inácia, que guardaria todos, não comeria um só...

INÁCIA — O mesmo lhe digo eu destes cravos que estou fazendo. Só que estas flores ficariam para sempre, enquanto que os seus rebuçados melariam logo.

JOANINHA — Podia ser que não. Não vê que a gente botando dentro da goma, e lacrando bem a lata...

INÁCIA — É verdade, mas dele não nos vai ficar nenhuma lembrança. Se ao menos nos sobrasse... Não, o que ele carrega é apenas o estritamente necessário.

JOANINHA — Coitadinho, ele é mais pobre que rato de igreja. E ainda não quer que a gente nem pense que ele é santo.

INÁCIA — É assim mesmo, dona Joaquina, todo santo é exagerado.

JOANINHA — Quando lavava a sua roupinha ficava dizendo de mim para mim: eu peço e guardo, como lembrança dele, esta meia. Mas me vinha assim como uma coisa que me dizia lá dentro: se você fica com a meia, o par ficará incompleto e se você guarda os dois pés, o pobrezinho ficará sem o seu único par meia. Ah,

se pudesse, cortava um pedacinho da meia. Mas dava no mesmo, dona Inácia. Uma meia ficava estragada ou, no mínimo, remendada. E por isso não tive coragem de levar avante o meu plano.

INÁCIA — Eu também tenho pensado, pensado... E assim (*olha para o alto*) vai-se um Santo que esteve nas nossas mãos... E vai-se sem nos deixar recordação.

JOANINHA — Pensei em pedir a ele uma mechinha de cabelo. Mandava castoar e...

INÁCIA — Você tinha coragem de tosquiar o coitadinho?

JOANINHA — Não, não tinha coragem. Mesmo, nem cabelo ele tem... Foi só pensamento.

JOANINHA — Também me lembrei — Inácia — de uma coisa que podia ficar para mim, mas que não é dele, é traste da casa de Coronel Paulino...

INÁCIA — Se não é dele não me interessa. Que me importa a riqueza do Coronel Paulino?

JOANINHA — Porém o Coronel não vai mais querer, porque já foi usado. E gente rica é sempre cheia de baldas e laudas. Pensei naquele... Veja, tenho até acanhamento de lhe dizer... Não é dele, mas foi usado por ele... e porque foi usado por ele, para mim, é uma relíquia.

INÁCIA — Ora, fale, mulher.

JOANINHA — Pois eu pensei em ficar com aquele vaso de louça que está lá debaixo da cama...

INÁCIA — O que? Ora, dona Joaninha, mas este pensamento já era o meu, de muito tempo!

JOANINHA — Ah, dona Inácia...

INÁCIA — Tinha graça! Então eu lhe dou a honra de vir para cá, como minha ajudante, e me quer a senhora carregar o vaso?

JOANINHA — Quem tira ele três, quatro vezes por dia?

INÁCIA — Não faz mais que a sua obrigação.

JOANINHA — É, com você as coisas delicadas... Comigo é que há de ser no pesado?

INÁCIA — Já vi que a senhora não é a alma piedosa que aparentava ser, mas uma interesseira. Quer o seu aluguel, não é?

JOANINHA (*levantando-se*) — Não tenho o vaso na conta de aluguel, Deus me livre! Mas quem, senão eu, ia querer um traste usado? Ah, Inacinha, ele é meu!

INÁCIA (*levantando-se*) — É meu, já lhe disse. E vamos deixar de muita intimidade, de muita confiança.

JOANINHA — Oxente, que negócio é este de confiança? (*Põe-se de gatinhas, rumo à cama do Bispo*).

INÁCIA — Uma Joana Capão...

JOANINHA (*levantando-se*) — Senhora dona Inácia Ranheta, discuta se quiser, mas não me chame de Capão que isto eu não agüento. Se quiser me ver doida, já já, repita o diabo deste nome.

INÁCIA (*sentando-se*) — Ora, mulher, não vá acordar o Senhor Bispo!

(*Joaninha, em desafio, põe as mãos na cintura, respira fundo, dá alguns passos e volta a se por de gatinhas, rumo à cama. Inácia levanta-se e também se põe de gatinhas, ao lado de Joana. Esta apressa o andar e a outra segura-lhe a cintura*).

JOANINHA — Me largue, mulher.

INÁCIA — O vaso é meu.

JOANINHA — É meu.

INÁCIA — É meu, conheça o seu lugar.

JOANINHA — Conheça o seu.

INÁCIA — Sua Capão.

JOANINHA — Capão é você, seu diabo.

INÁCIA — Fubana.

JOANINHA — Fubana é tu, jararaca velha.

INÁCIA (*grita*) — Capão, Capão!

(*As duas se agarram, mas Joaninha segura o urinol, apesar dos esforços de Inácia. O Bispo grita, abrindo o reposteiro da cama. Inácia e Joaninha saem atacadadas, pela porta da E*).

BISPO — Socorro! Socorro!

(Ouve-se o barulho do urinol partido e logo depois aparecem, espantados, dois Seminaristas).

1º SEMINARISTA — O que foi? O que foi? Alguma lacraia?

2º SEMINARISTA — O Senhor Bispo foi mordido?

(O 1º Seminarista corre à mesinha, enche água um copo e leva-o ao Bispo).

1º SEMINARISTA — Beba, beba, Senhor Bispo!

2º SEMINARISTA — O que foi, meu Senhor Bispo? Aonde foi, aonde foi?

1º SEMINARISTA *(gritando)* — Dona Inácia Ranheta, dona Joaquina Mourão, cortam aqui!

2º SEMINARISTA — Onde estão as senhoras? As senhoras?

BISPO *(depois de beber a água)* — Calma, meus meninos, calma... Foram justamente elas...

1º SEMINARISTA — Elas?

2º SEMINARISTA — O que foi? Um atentado? Socorro!

BISPO — Não gritem... Elas... saíram engalfinhadas... com o vaso na mão...

1º SEMINARISTA — O vaso? que vaso?

BISPO *(apontando para baixo da cama)* — O urinol...

1º SEMINARISTA — O vaso? Ah, o vaso?

2º SEMINARISTA — Gente, que diabo elas viram?

BISPO — Para mim iam virar tudo. A voz me faltou. Mal pude ver pela fresta da cortina... lá elas se iam...

2º SEMINARISTA — Gente mais estrompa!

BISPO *(sorrindo desajeitado)* — Dona Inácia... dona Joaquina... venham cá...

(O Bispo sai à procura de ambas, pela E. Os Seminaristas riem).

VOZ DO BISPO — Ora, não foi nada. Venham. Venham se despedir de mim...

(O Bispo aparece trazendo as bandas do urinol partido).

BISPO — Minhas boas diocesanas... Se eu fosse o santo que me dizem ser, prestaria agora, a vocês, a homenagem de um milagre porque lhes devoto um grande bem... Foram os dois anjos exaltados de minha cura.

(Inácia e Joaquina aparecem, encabuladas. Inácia de véu na cabeça e Joaquina com o braço escondendo o rosto. O Bispo junta as bandas do vaso, uma na outra, tornando-o aparentemente perfeito)

BISPO *(com o urinol na mão)* — Vejam...

INÁCIA e JOANINHA *(ajoelhando-se)* — Milagre! Milagre!

BISPO — Não se exaltem, não se exaltem... Aqui está um objeto que não é nosso, porém propriedade do Coronel Paulino. De louça, mas certamente não é porcelana de Sèvres. Se se tratasse de uma relíquia da Guerra do Paraguai, se tivesse servido a algum Barão do Império... Não creio nas duas hipóteses. A louça me diz não ter mais de vinte anos. Assim sendo não adianta levá-lo à Bahia para as mãos milagrosas de um "Ao Faz Tudo". Um vaso na sua função humilde apenas. *(Ouve-se a buzina de um carro. Vozes aclamam o Bispo).*

BISPO — Levantem-se.

(Inácia e Joaquina se levantam. O Bispo separa as bandas do vaso).

INÁCIA e JOANINHA — Oh! Ai!

BISPO — Aqui está a sua parte, minha boa Inácia *(entrega uma banda do urinol a Inácia)*, e a sua, minha extremosa Joaquina *(idem)*.

(Os Seminaristas apanham as flores de Inácia e os rebuçados de Joaquina, e se afastam).

BISPO *(aproximando-se do proscênio)* — Ah, sertão grande e cinzento... Vila de São Francisco do Icó.

(O Bispo abençoa o seu povo. E ouve-se a voz de um cantor:)

São Francisco de Icó
é terra de nossa inleição

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

hospedando o Senhor Bispo
tem toda sublimação
no trato tem dona Inácia
e tem Joaquinha Mourão
Inácia mexendo o tacho
e Joaquinha o caldeirão!

C O R T I N A

Este livro foi transcrito da publicação
"Caderno de Teatro" nº 30,
abril-junho de 1965.

TÍTULO O VASO SUSPIRADO

FRANCISCO PEREIRA DO SILVA

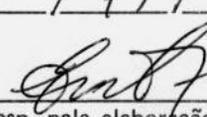
1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 14

Praça RN

Obs.:

DF. 12, 7, 1979


Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

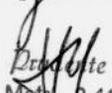
Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requeri-
mento de censura e com a classificação: incorpó-
pria para menores de 14 anos,
sem cortes, condicionada ao exame do ensa-
io geral.

Obs.:

Brasília-DF, 12 de julho de 1979

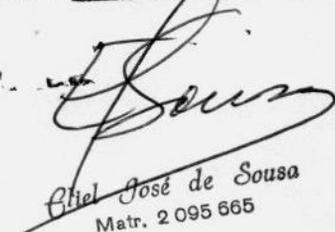

Heléne Duarte Carneiro
Matr. 2 415 791

Brasília-DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: 14 (QUATORZE)

ANOS: _____
Brasília-DF, 18 de JUL de 1979


Abel José de Sousa
Matr. 2 095 665

PARECER Nº 2898 179TÍTULO: " O VASO SUSPIRADO "CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos

Autor: Francisco Pereira da Silva

Feito o confronto da peça teatral supracitada, verificamos perfeita identidade entre os texto, tanto no enredo como nas marcações. Anteriormente liberada com a classificação etária de 14 anos, opinamos pela manutenção da mesma classificação, condicionada ao ensaio geral.

Brasília, 12 de julho de 1979

Maria Lucia F. de Holanda
Maria Lucia F. de Holanda

O VASO SUSPIRADO

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

1725/79

TEATRO NOVO UNIVERSITARIO - TORUS - RN

O VASO SUSPIRADO

CARLOS ROBERTO DA SILVA TORIÃO BALBUENA

79

JULHO

16

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA PARA AIMP...
DA AO EXAME DO ENSAIO GERAL... O PRESBITE CERTIFICADO SOBRE TEMA VALLADE
TIANDO ACOMPANHADO DO "SCHEFF" DEVIDA NESTE CARIMBADO PELA DCEP.

16

JULHO

84

16

JULHO

79

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
14
QUATORZE ANOS

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

Jose Vieira Madeira

O VASO SUSPIRADO

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

TEATRO NOVO UNIVERSITÁRIO - TONUS - RN

CARLOS ROBERTO DA SILVA FURTADO BALDUINO

12

JULHO

79

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. CONDICIONA
DA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

16

JULHO

79

ofb


ELIEL JOSÉ DE SOUSA-Subst.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

18 de julho de 1979.

368/79-SA/DCDP

Chefe do Serviço de Censura da DCDP

Chefe do SCDP - SR/RN

Solicitação (FAZ)

Senhor Chefe:

Estamos encaminhando a V.Sa. os certificados e 2 (duas) cópias de cada texto das peças teatrais "ANTONIO, MEU SANTO", de João Augusto, "O VASO SUSPIRADO", de Francisco Pereira da Silva e "EM FIGURA DE GENTE", de José Carlos Cavalcante Borges, solicitando sejam entregues ao Sr. Carlos Roberto da S. F. Balduino, Diretor Artístico do Teatro Novo Universitário - TONUS, da UFRN.

Na oportunidade, renovamos a V. Sa. protestos de estima e consideração.


ELIEL JOSÉ DE SOUSA
Chefe do SC/DCDP
Substituto